

ULISBOA

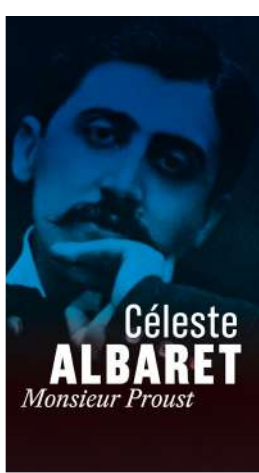


Revista da Universidade de Lisboa | 17 | Dezembro 2020

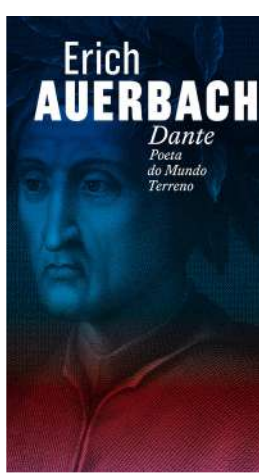
ARQUIVOS E BIBLIOTECAS
FILOSOFIA ISLÂMICA
ESTUDANTES SENIORES



Walter
BAGEHOT
*A Constituição
Inglês*



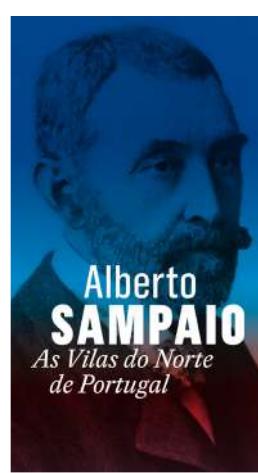
Céleste
ALBARET
Monsieur Proust



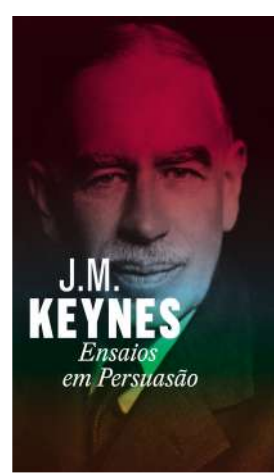
Erich
AUERBACH
*Dante
Poeta
do Mundo
Terreno*



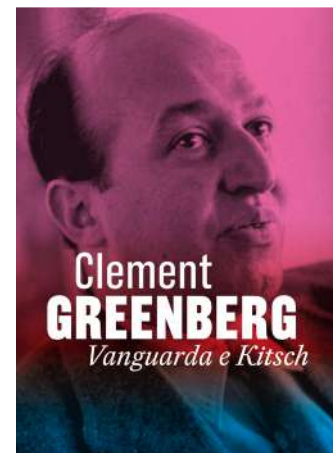
Hans
JONAS
*A Religião
Gnóstica*



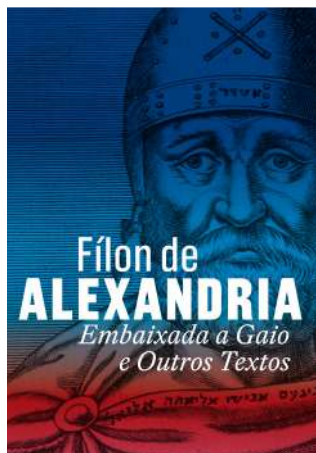
Alberto
SAMPAIO
*As Vilas do Norte
de Portugal*



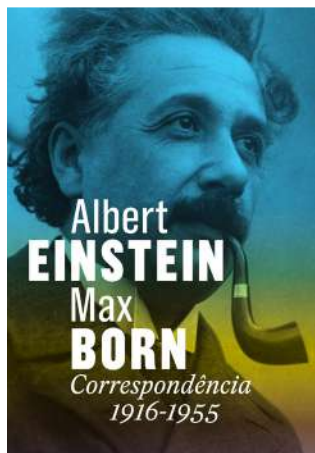
J.M.
KEYNES
*Ensaio
em Persuasão*



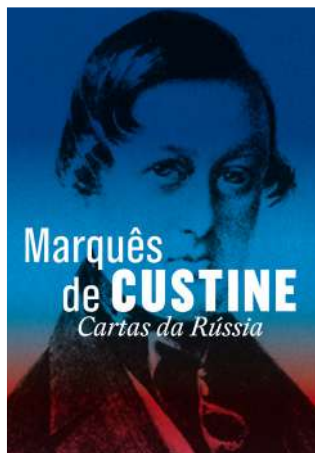
Clement
GREENBERG
Vanguarda e Kitsch



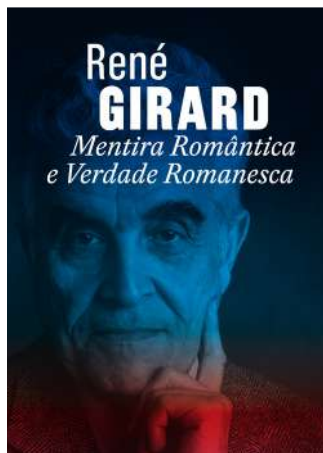
Fílon de
ALEXANDRIA
*Embaixada a Gaio
e Outros Textos*



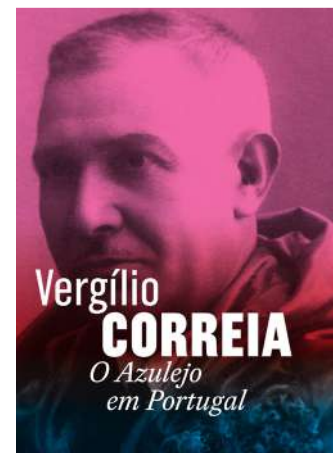
Albert
EINSTEIN
Max
BORN
*Correspondência
1916-1955*



Marquês
de **CUSTINE**
Cartas da Rússia



René
GIRARD
*Mentira Romântica
e Verdade Romanesca*



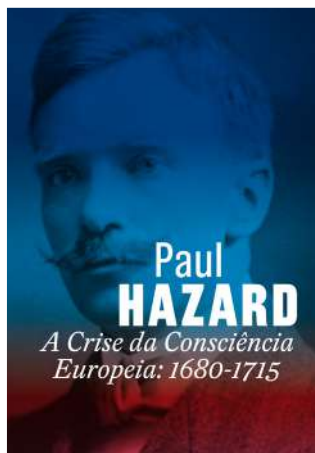
Vergílio
CORREIA
*O Azulejo
em Portugal*



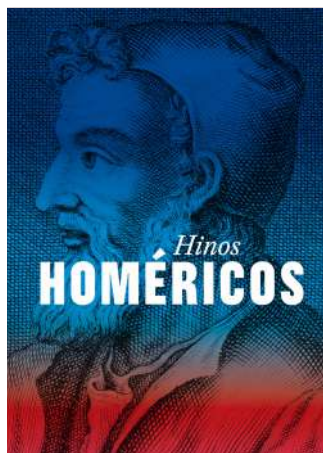
Alexis de
TOCQUEVILLE
*O Antigo Regime
e a Revolução*



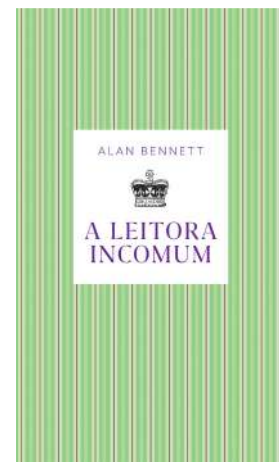
Saiba mais
sobre as nossas
edições em:
ulisboa.pt/imprensa




Paul
HAZARD
*A Crise da Consciência
Europeia: 1680-1715*



Hinos
HOMÉRICOS



ALAN BENNETT

**A LEITORA
INCOMUM**



**O GIGANTE
DA TAPADA**
CAMPOS
RODRIGUES
(1856-1919)
E O
OBSERVATÓRIO
ASTRONÓMICO
DE LISBOA
PEDRO
M. P. RAPOSO



JOHN EDWARD HUTH
**A ARTE
PERDIDA
DE
ENCONTRAR
O
CAMINHO**



JOÃO PEREIRA
J. M. PINTO VAZÃO
Organizadores
**METODOLOGIAS
DE AVALIAÇÃO
DE POLÍTICAS
PÚBLICAS**



**Universidade
de Lisboa**
Museus, Coleções e Património



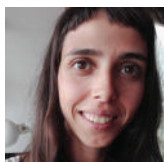
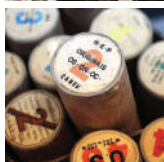
**ANATOMIA
DAS
MOLECULAS**
JOSÉ
MARTINHO
SIMÕES



Este número da Revista da Universidade inclui um artigo sobre um professor que recentemente se jubilou, e que nele nos descreve alguns dos momentos decisivos da sua longa e notável carreira profissional e académica. Se uma carreira universitária assim em parte se encerra – pois decerto prosseguirá de outro modo –, muitas outras entretanto se vão abrindo. Falámos, a este propósito, com alguns dos atuais alunos que – tendo concluído a sua vida profissional ativa, ou em simultâneo com ela – decidiram voltar à universidade e iniciar um novo curso, ou nela matricular-se pela primeira vez.

Os antigos alunos que colaboram neste número dão sugestiva nota de como o futuro dos estudantes de uma instituição de ensino superior pode vir a revelar-se surpreendente, rico e diverso: da atividade de cobrir jornalisticamente a vida das mulheres afegãs, passando pela coexistência numa mesma pessoa da docência universitária da Matemática e da atividade cultural, à dedicação ao estudo da filosofia islâmica medieval numa universidade do Cairo, por exemplo. O artigo que alongadamente descreve o extenso trabalho feito nos últimos anos, na Universidade de Lisboa, no sistema de gestão e organizativo dos seus arquivos e bibliotecas expõe os modos como se conserva, e se encontra disponível à comunidade académica, tudo aquilo que permitiu o florescimento de atividades e vidas tão diversas como as atrás descritas. Por fim, quisemos falar com um dos responsáveis maiores da ligação produtiva e próxima que a Universidade tem mantido com a cidade de Lisboa. •

ÍNDICE



- 1 **Editorial**
- 2 **Índice**
- 3 **Notícias**
- 6 **Sobre**
Uma programação musical para a Universidade de Lisboa, por Henrique M. Oliveira
- 7 **4 Coisas**
Cândida Pinto
- 8 **Fernando Medina**
- 12 **As voltas da vida**
Estudantes seniores na ULisboa
- 20 **José Manuel Pinto Paixão**
Um homem de sorte
- 24 **Os sistemas de gestão de bibliotecas e de arquivos da ULisboa**
- 28 **E assim sucessivamente**
Alexandra Ramires
Catarina Belo

FICHA TÉCNICA

Edição e propriedade: **Universidade de Lisboa** · Departamento de Arquivo, Documentação e Publicações

Diretor: **António M. Feijó** | Direção executiva e produção: **Ana Silva Rigueiro**

Redação e comunicação: **Ana Cláudia Santos, Ana Luísa Valdeira, Helena Carneiro**

Fotografias: **Ana Luísa Valdeira, Duarte Pinheiro**

Capa: Pormenor da escadaria na antiga Biblioteca do Instituto Superior de Agronomia, atual Salão Nobre © ULisboa

Contracapa: Pavilhão de Portugal, que acomoda os depósitos de arquivo e documentação da Reitoria.

Fotografia drone © Faculdade de Arquitetura

Design gráfico: **A Bunch of Susans**

Impressão: Lidergraf – Sustainable Printing | Tiragem: 12 000 exemplares

Periodicidade: março, maio, outubro e dezembro | Assinaturas e distribuição: imprensa@reitoria.ulisboa.pt

Depósito legal: **418564/16** | ISSN: **2183-8844**

Contactos gerais: **Imprensa da Universidade de Lisboa**

Alameda da Universidade - Cidade Universitária · 1649-004 Lisboa · Portugal

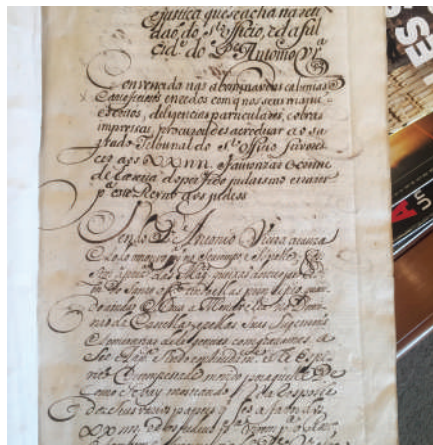
Tel.: +351 217 904 750 - Ext. 19 750 | E-mail: imprensa@reitoria.ulisboa.pt

Distribuição Gratuita

A Inquisição e o Padre António Vieira Doação de manuscrito à Cátedra de Estudos Sefarditas Alberto Benveniste

Herman Prins Salomon, Professor Emérito da Universidade de Albany (EUA) e Doutor *Honoris Causa* pela Universidade de Lisboa, doou à Cátedra de Estudos Sefarditas Alberto Benveniste, da Faculdade de Letras, um manuscrito inédito datado do século XVIII. A obra intitula-se «Demonstração da verdade e justiça que se acha na rectidão do Santo Offício, e da falsidade do Padre António Vieira (...)» e tem autoria de António Ribeiro de Abreu, juiz do tribunal da Inquisição.

O texto consiste num libelo contra os escritos do Padre António Vieira sobre as atividades da Inquisição portuguesa. Segundo a Cátedra, o manuscrito «constitui um importante contributo documental para o estudo da receção da obra do Padre António Vieira, ajudando a compreender a argumentação daqueles que, no advento das Luzes, ainda defendiam a necessidade da existência do Santo Offício na sociedade portuguesa». A cerimónia de doação teve lugar a 16 de dezembro passado, e o manuscrito ficará à guarda da Biblioteca da Faculdade de Letras.



© FLUL-CESAB

Policy Brief nº. 1 Instituto de Educação

Uma das principais linhas estratégicas do Instituto de Educação é a intervenção no espaço público, mediante o apoio científico e técnico à conceção, implementação e avaliação de políticas públicas na área da educação e da formação. Os *Policy Briefs* são uma das concretizações dessa intervenção ativa, consistindo na apresentação e discussão públicas de estudos e recomendações políticas neles baseados dirigidos a um público não-académico.

Em dezembro passado foi lançado o primeiro dos *Policy Briefs*, dedicado ao tema dos desafios quantitativos e qualitativos do alargamento da participação de jovens e adultos no ensino superior em Portugal. Os resultados de investigação têm revelado a persistência de desafios em aumentar a participação de estudantes no ensino superior em Portugal, procurando-se, em simultâneo, assegurar uma maior igualdade de oportunidades de acesso e sucesso neste

nível de ensino. Estes desafios foram reconhecidos em 2020, na sequência da crise pandémica e suas implicações nos mecanismos e concursos de acesso às universidades e politécnicos,

bem como na qualidade pedagógica dos cursos de graduação e pós-graduação. No lançamento estiveram presentes atores políticos conhecedores e intervenientes nas políticas educativas (Ana Rita Bessa, Deputada do CDS-PP na Assembleia da República, Luís Monteiro, Deputado do Bloco de Esquerda na Assembleia da República, e Sofia Escária, Presidente da Federação Académica de Lisboa). A moderação foi da jornalista Alexandra Inácio, do Jornal de Notícias. Fique atento aos próximos lançamentos em www.ie.ulisboa.pt



Farmácia Popular Faculdade de Farmácia

José Cabrita, Professor Catedrático aposentado da Faculdade de Farmácia, doou a esta instituição, em novembro passado, o recheio da farmácia de que foi proprietário e da qual assegurou a direção técnica. De nome *Farmácia Popular*, tratou-se de uma farmácia de família cujo mobiliário e utensílios estão agora expostos na Biblioteca da Faculdade de Farmácia. Integrarão o património da Faculdade e darão a conhecer mais um pouco da história da farmácia, mediante a exposição de mobiliário, vidros, louças, equipamentos, placas informativas, rótulos, material ligado às atividades médicas e ainda documentação impressa, como livros de registo, dicionário de sinónimos e farmacopeias.



© FFULisboa

A recriação de parte da *Farmácia Popular* tem um carácter permanente e pode ser visitada gratuitamente de acordo com o horário e as regras de acesso da Biblioteca.



Beatriz Correia, criadora da nova identidade visual de Évora Faculdade de Arquitetura

Nascida em Lisboa, Beatriz Correia vive há dez anos na cidade de Évora. Aí realizou a licenciatura em Design, mas escolheu a Faculdade de Arquitetura para o mestrado em Design de Comunicação, completado em 2018, e para o doutoramento em Design, atualmente em curso. Foi na dissertação de mestrado, intitulada *O design de comunicação como contributo para a atratividade de um território: desenvolvimento de uma identidade visual para a cidade de Évora*, que desenvolveu o projeto agora adotado pela Câmara Municipal de Évora para se tornar a nova imagem da cidade.

O logótipo, formado pelo nome da cidade, constrói-se em torno do centro histórico de Évora – representado na tipografia da letra O – e das várias portas nas muralhas que o delimitam – os espaços entre as linhas descontínuas que formam as letras. São portas abertas em dois sentidos, de saída e de entrada, para a circulação de novas pessoas e ideias, numa muralha representada com a cor amarela. Esta é a cor de base para os diferentes materiais da identidade visual, que inclui um mapa de todo o concelho, de modo a representar as suas diferentes vertentes culturais, patrimoniais, vinícolas ou desportivas. A Câmara Municipal de Évora elogiou a mestria de Beatriz Correia na criação desta identidade visual, assente numa pesquisa fundamentada da cidade e capaz de transmitir a sua história em simultâneo com o seu desenvolvimento.

Fausto Pinto Presidente da World Heart Federation

Professor catedrático de cardiologia, diretor da Faculdade de Medicina, diretor do departamento de cardiologia do Hospital de Santa Maria, Fausto Pinto foi eleito o 22.º presidente da World Heart Federation (WHF). É a primeira vez que um português assume este cargo.

A WHF, ou Federação Mundial do Coração, é uma organização não-governamental constituída em 1978, com sede em Genebra. Tem como objetivo a promoção de estilos de vida saudáveis a nível global e o apoio à investigação e ao desenvolvimento de estratégias para minorar o impacto das doenças cardiovasculares, que continuam



© Catarina Zimbarra

a ser a causa número um de mortalidade e morbidade.

Fausto Pinto foi eleito com 80 % dos votos e o seu mandato começou a 1 de janeiro.

Rogério Gaspar na OMS

Rogério Gaspar assume em janeiro de 2021 o cargo de diretor do Departamento de Regulação e Pré-qualificação da Organização Mundial de Saúde (OMS), em Genebra. Uma das missões será avaliar medicamentos e vacinas para a COVID-19, que têm como destino os países em desenvolvimento. Este departamento é o núcleo da OMS



para assuntos relacionados com a regulação e acesso a medicamentos no quadro do sistema das Nações Unidas (ONU).

Rogério Gaspar substituiu Emer Cooke, que assumiu funções como Diretora Executiva da Agência Europeia do Medicamento (EMA), em Amesterdão.

Rogério Gaspar é professor catedrático da Faculdade de Farmácia da Universidade de Lisboa. Foi vice-presidente do INFARMED e membro do Conselho de Administração da EMA, tendo supervisionado e integrado diferentes projetos nesta área nas Américas, África, Sudeste Asiático e em vários países da UE/EEA. Entre 2013 e 2017, exerceu funções de vice-reitor da Universidade de Lisboa, supervisionando as áreas de Investigação & Desenvolvimento, Empreendedorismo e Transferência de Conhecimento. Exerceu até ao presente as funções de vice-presidente da European Federation for Pharmaceutical Sciences (EUFEPS), coordenador da European Science for Health (EurSci4Health) e presidente da Sociedade Portuguesa de Ciências Farmacêuticas (SPCF).



Variações Naturais Museu Nacional de História Natural e da Ciência

Imagine toda a biodiversidade de Portugal. As paisagens mais ricas, os animais mais raros, as histórias nunca ouvidas. Agora, imagine tudo isso reunido em 1200 m². É o que esta exposição oferece, dando-lhe a oportunidade de visitar – e viver – as principais paisagens e áreas protegidas nacionais. É uma experiência imersiva, em que todos os sentidos são convocados, e os visitantes são viajantes: sobem a uma montanha, descem a uma gruta, e mergulham nas profundezas oceânicas; encontram plantas, animais e fósseis; escutam lendas e descobrem relações entre espécies, pessoas e paisagens.

A exposição reparte-se por dez áreas principais correspondendo a dez ecossistemas: urbano, montanhoso, florestal, maciços calcários (incluindo grutas), sistemas aquáticos (águas rápidas, águas lentas, paul), estuário, costa arenosa, costa rochosa, oceanos e ecossistemas insulares, com enfoque nos Açores e na Madeira. Cada área combina estruturas cenográficas, fotografia, vídeo e áudio com espécimes e modelos biológicos de mais de 140 espécies. No final, um expositor interativo permite explorar estas áreas de forma mais detalhada, convidando a visitas reais.

Com organização da Câmara Municipal de Lisboa, da Universidade de Lisboa – através da Faculdade de Ciências e Museu Nacional de História Natural e da Ciência – e do Instituto da Conservação da Natureza e das Florestas, I.P., esta aventura será possível até 25 de novembro de 2021.

As Arquitetas ISCSP

É um projeto em curso no Centro Interdisciplinar de Estudos de Género, do Instituto Superior de Ciências Sociais e Políticas, e chama-se W@ARCH.PT – *Arquitetas em Portugal: construção da visibilidade, 1942-1986*. Procura responder às questões «quem», «quando», e «como» contribuíram as mulheres arquitetas portuguesas para o desenvolvimento da prática arquitetónica, e da investigação e do ensino nessa área.

As datas que balizam a investigação correspondem a marcos históricos: 1942 foi o ano em que a primeira mulher, Maria José Estanco, concluiu o curso de arquitetura em Portugal, e 1986 o ano em que o país entrou para a Comunidade Económica Europeia

e se assistiu à explosão e massificação das escolas de arquitetura. A investigadora responsável pelo projeto, Patrícia Santos Pedrosa, explica que «antes da década de 40, temos muito mais mulheres nas escolas do que imaginávamos, apenas não concluíram os estudos. Há relatos de mulheres que tinham competências e se dedicavam ao desenho arquitetónico». O objetivo do W@ARCH.PT é dar a conhecer as arquitetas portuguesas que também fizeram a história da arquitetura em Portugal e que têm sido ignoradas.

O projeto consiste na recolha de testemunhos e consultas de arquivos, e pode ser acompanhado em: www.warch.iscsp.ulisboa.pt



Hortas de Lisboa Exposição

Está patente no Museu de Lisboa – Palácio Pimenta, a exposição Hortas de Lisboa – Da Idade Média ao Século XXI, que para a sua conceção contou com a colaboração do cE3c – Centro de Ecologia, Evolução e Alterações Ambientais, da Faculdade de Ciências, e com os guardiões da HortaFCUL.

A exposição apresenta, por meios como a cartografia, a pintura, a literatura, a fotografia e o vídeo, os territórios e trajetos, práticas e narrativas, personagens, estratégias e políticas do universo das hortas urbanas, desde a Idade Média à atualidade.

O principal contributo dos investigadores da Faculdade de Ciências foi para o núcleo da exposição dedicado às «Ferramentas para uma horta na cidade», apresentado em maquetas, vídeos, ilustrações e outros dispositivos. Apela-se à sustentabilidade, à reciclagem de materiais e à proximidade entre urbanidade e natureza, explorando as ferramentas para a construção e a manutenção de uma horta urbana, resiliente e sustentável.

As hortas de Lisboa foram, desde tempos remotos, um elemento particular da paisagem urbana, tendo existido em locais tão centrais como a Praça da Figueira, o Rossio e o Martim Moniz. Têm sido fundamentais para a subsistência das populações urbanas, e esta exposição dá também a conhecer os hortelãos da cidade, revelando práticas, narrativas e redes de entajuda. A exposição está patente até 19 de setembro de 2021.

SOBRE

UMA PROGRAMAÇÃO MUSICAL PARA A UNIVERSIDADE DE LISBOA

Henrique M. Oliveira *

Tendo sido nomeado Programador Cultural da Universidade de Lisboa para a área da música no início de 2020, fui incumbido de preparar uma temporada musical que ligasse a Universidade à sua estrutura interna e à sociedade em que se insere.

Dispondo de equipamentos notáveis, como a Aula Magna da Reitoria, joia da coroa, e os jardins botânicos, na Rua da Escola Politécnica e em Belém, a Universidade resultante da fusão das duas mais antigas universidades públicas de Lisboa não realizava programação cultural integrada na área da música e artes de palco. A Aula Magna tem sido, sobretudo, um espaço de acolhimento de produções externas à Universidade, ao sabor dos destinos do acaso e do mercado de oferta cultural em Lisboa, tendo realizado alguma produção cultural própria em ocasiões pontuais ao longo do ano.

Era necessário construir uma programação que unisse a comunidade da Universidade e o público em geral, que funcionasse como uma marca de qualidade da melhor universidade de Portugal, que unisse também os coros e agrupamentos musicais que ostentam o nome da Universidade de Lisboa. Foi essa a nossa tarefa: chamar público, criar rotinas, reforçar e criar tradições, dar aos membros da Universidade, da cidade e do mundo, um sentimento de pertença.

Uma programação cultural deve ser coerente, deve ser fácil de comunicar, deve ter espaços próprios, e tempos próprios, de forma a facilitar a rotina da qualidade, criar públicos fiéis e ter uma força mística associada



© Acervo pessoal

a eventos memoráveis, unir paisagem, arte da construção e *design*, memória, presente e futuro, capital que não falta à ULisboa.

Um programador deve conhecer bem os artistas e agentes e as suas idiossincrasias, deve ter força negocial, deve saber obter valores justos para os artistas, mas, sobretudo, para a Universidade. Ser programador é também gerir com grande rigor um orçamento, sempre mais apertado do que o sonhado, saber criar programas equilibrados e variados, gerir textos para notas de programa e folhas de sala, gerir *designers*, coordenar o esforço das equipas da frente de casa, assegurar condições de segurança, garantir a bilhética, tratar de protocolo e convites, gerir reservas, convidar a imprensa e a crítica. Deve unir os esforços dos diversos serviços dentro da Universidade para que todas estas frentes fiquem asseguradas. Curiosamente, nos dias em que ainda consegui trabalhar na Reitoria, no início de 2020, encontrei um enorme entusiasmo e um espírito de equipa muito forte.

Quando a pandemia surgiu em força, estávamos, na nossa equipa, concentrados na realização de uma temporada que se afirmasse, sobretudo, pela qualidade e surpresa. Quando esta pandemia passar, contamos retomar com redobradas energias uma programação, no papel muito avançada, que não conseguimos colocar em prática.

Sem dispersar em demasia esforços pelas instalações dependentes dos órgãos centrais da Universidade, espalhadas pela cidade de Lisboa, pensámos em traves-mestras centradas em três espaços de grande convergência.

Nos meses mais quentes concentramos a nossa programação nos jardins botânicos, com concertos ao fim da tarde com jovens músicos, bandas militares e agrupamentos de *jazz*, e ainda com grandes eventos fundadores ao princípio da noite. Tínhamos já programado em Belém um concerto com a colaboração do Museu Nacional dos Coches, que cedeu generosamente os instrumentos do tempo de D. José para um concerto com os *Fogos de Artificio Reais* de Handel para a noite inaugural de temporada. A temporada dos meses mais quentes de 2020 seria encerrada com um concerto de música militar onde a última obra seria a *Abertura 1812* de Tchaikovsky, com disparos de canhões. Esperamos retomar este sonho em 2021.

A programação dos meses mais frios decorrerá na Aula Magna, terá ópera, um ciclo de piano, um festival de *jazz* e orquestras com solistas de renome. É preciso ter esperança. •

* Professor de Matemática do Instituto Superior Técnico

4 COISAS



Cândida Pinto

Alumna do Instituto Superior de Ciências Sociais e Políticas



O brand Paz

Conheci um antigo militante do extremismo que se tornou um ativista da moderação, que me dizia que o *brand* «paz» era pouco atraente, não provocava energias imediatas, daí que as forças radicais conseguissem adesão. Mas ele insistia que fazia todo o sentido erguer vozes para contrariar radicalismos. Este ano de 2020 marca um tempo de incerteza, instabilidade, fúria. Daí que a decisão do Comité de Oslo de atribuir o Nobel da Paz ao Programa Alimentar Mundial (PAM) da ONU tenha

sido tão refrescante. Apesar da pandemia, as «formiguinhas» do PAM continuaram por esse mundo fora a dar apoio diário a milhões de pessoas com fome. A ONU admite que existam 690 milhões de habitantes do planeta nesta situação. O PAM é mais necessário do que nunca para prevenir o uso da fome como arma de guerra ou de conflito. Já os vi no terreno no meio de grandes dificuldades a fazerem chegar alimentos. Ampliam o *brand* Paz.



As mulheres de Cabul

As mulheres afegãs circulam pelas ruas de Cabul como sombras deslizantes. Não se veem, estão cobertas por burcas. A primeira vez que fui ao Afeganistão, em 2001, pouco depois do ataque às Torres Gémeas de Nova Iorque, fui confrontada com uma vida pública masculina, em que se viam os rostos dos homens na rua. Não os das mulheres. Para as conhecer melhor era preciso entrar nas casas, sem homens por perto, para conhecer as suas

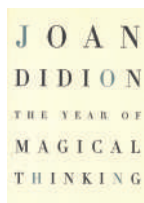
vontades e angústias. Como a de não poderem usar na rua sapatos com salto, que pudessem fazer barulho, pois seriam alvo de multa. Os dias foram passando e repentinamente dei-me conta de que também eu deixara de estranhar a falta de rostos femininos na rua, os vultos cobertos de azul tinham-se tornado normais. Belisquei-me. Para elas, que lutam pela igualdade, abundam os obstáculos pelo caminho.



A Rota da Seda

Viajar. A pandemia trancou-nos as asas para satisfazer essa curiosidade em conhecer o diferente, que sempre me alimentou. Nos últimos anos, o livro de Peter Frankopan, *The Silk Roads – A New History of the World*, aguçou-me o apetite pela mítica Rota da Seda, que na verdade consiste em várias ligações que cruzam o Oriente e o Ocidente. Percorri a que liga o interior da China

ao Quirguistão e termina na gloriosa Samarcanda, no Uzbequistão. São experiências que desafiam a centralidade ocidental, ampliam o tempo e o espaço, e a nossa relativa existência. O segredo da seda, as montanhas e os desertos, as fisionomias que mudam, o *karaoke* no comboio, o azul-marinho-índigo das fachadas de Samarcanda, e a História a fazer-se ouvir.



O Ano do Pensamento Mágico

«A vida muda num instante, num instante normal», escreve a norte-americana Joan Didion no início de *O Ano do Pensamento Mágico*. Curioso título para o tempo que retrata da sua vida pessoal, marcado por perdas, momentos difíceis, mas também por memó-

rias de cumplicidades e espaços. A escrita de Joan Didion prende-me desde o início de forma compulsiva, mas também com aquele ímpeto de retardar o avanço nas páginas, dado o prazer da leitura. Duro e divertido, cru e emocionante. Cheio de vida lá dentro.



FERNANDO MEDINA

Fernando Medina é Presidente da Câmara Municipal de Lisboa, economista e membro do Conselho Geral da Universidade de Lisboa.

Fotografia © Luís Filipe Catarino

«Pertencço a uma geração que cresceu em liberdade e democracia. Não esqueço esse privilégio nem ignoro o muito que devo à geração dos meus pais e a todos aqueles que resistiram.»

U LISBOA Lisboa é a maior cidade universitária do país, no número de instituições e estudantes de ensino superior que congrega. Quais os ganhos e quais os desafios trazidos por esta característica de Lisboa enquanto cidade universitária?

FERNANDO MEDINA Lisboa é uma referência académica, a nível nacional e internacional. Atrai um número cada vez maior de alunos para as suas universidades, e todos os anos conta com cerca de 120 mil alunos inscritos nas diferentes instituições de ensino superior. Temos em Lisboa um ecossistema único de partilha de conhecimento e investigação, apoiado por uma vasta rede de instituições de investigação, trazendo benefícios claros à cidade e ao país, quer através da investigação, quer na promoção de novas ideias e visões para um mundo em constante mudança. O futuro faz-se de ciência, de progresso e de desenvolvimento, como bem vimos neste contexto de COVID-19. A colaboração com as diferentes instituições académicas tem

sido primordial para se conhecer e combater os efeitos da pandemia. Hoje, além do reforço do investimento no caminho que temos vindo a trilhar, precisamos de adaptar a nossa estratégia a uma realidade com novas dinâmicas e exigências, garantindo deste modo um maior e melhor acesso dos jovens ao ensino superior. A Câmara de Lisboa tem consciência de que apenas em parceria com as instituições de ensino superior – e neste âmbito, como é natural, com a Universidade de Lisboa – conseguimos construir em conjunto o futuro. Sem a universidade, não há cidade.

ULISBOA Podia falar-nos um pouco dos projetos conjuntos da CML e da ULisboa na construção de residências para estudantes?

FM Uma das nossas prioridades tem sido a criação de uma rede de residências e de outros tipos de alojamentos para estudantes. Estas residências são essenciais para dar as condições necessárias aos alunos que escolhem Lisboa como o seu destino académico. A redução de custos ao nível

da habitação tem de ser uma prioridade, porque só assim garantimos igualdade no acesso ao ensino. Cabe à Câmara Municipal de Lisboa, em primeiro lugar, apoiar a construção de residências por parte da ULisboa. Neste particular, não posso deixar de saudar e agradecer ao Reitor da Universidade de Lisboa todo o empenho que tem tido na concretização destes projetos, nomeadamente o já realizado no Polo da Ajuda. Em segundo lugar, a Câmara tem feito também uma aposta na construção de residências. É exemplo o projeto de reabilitação dos edifícios adquiridos à Segurança Social na Alameda Afonso Henriques e na Avenida Manuel da Maia, estando já lançado o concurso público para a reconversão de dois dos edifícios, num investimento de 10 milhões de euros. Mais 350 camas serão atribuídas aos Serviços de Ação Social da Universidade de Lisboa. Em terceiro lugar, a Câmara está também empenhada em desenvolver e apoiar (até por recursos próprios da cidade) a construção da totalidade do complexo de novas residências junto à

«Um ensino de qualidade é uma das principais ferramentas de mobilidade social de que uma sociedade dispõe, sendo fundamental para Portugal, que, devido aos anos da ditadura, ainda tem um défice de qualificações.»

Cidade Universitária, na zona a sul da Biblioteca Nacional. Por último, está em estudo o projeto de residências de estudantes em terrenos municipais no Polo da Ajuda, contíguos ao ISCSP.

ULISBOA A zona da Cidade Universitária tem passado por várias transformações, desde a renovação do jardim do Campo Grande a alterações na circulação automóvel. Há mais planos para esta área da cidade? Há o intuito de abri-la cada vez mais à comunidade em geral, e não apenas académica? Uma aposta no Estádio Universitário pode ser uma maneira de o fazer?

FM Esta é uma zona importante da cidade, que temos procurado recuperar e requalificar para dar melhores condições aos estudantes, mas também para a fruição pública dos lisboetas, que têm aqui um espaço de referência no coração da cidade. Há importantes projetos em curso neste âmbito, e um trabalho em rede muito proveitoso entre Câmara, Universidade e Junta de Freguesia. Estão em curso projetos de melhoria da iluminação e de incremento de segurança. Está a ser reforçado o policiamento de proximidade, em articulação com a Junta, e iremos continuar a trabalhar em conjunto no processo de requalificação com o objetivo de devolver os espaços públicos da cidade aos lisboetas. Esta pandemia lembra-nos a importância de espaços públicos para desporto e lazer, que sirvam várias valências: o Estádio Universitário foi recentemente palco de um hospital de campanha para dar resposta à COVID-19 e no futuro terá um papel cada vez maior na cidade.

ULISBOA O *campus* da ULisboa no Polo da Ajuda continua isolado e quase exclusivamente universitário. Como dinamizar essa parte da cidade, tornando-a mais atrativa e segura?

FM O *campus* do Polo da Ajuda é cada vez menos isolado. Esta é uma zona da cidade num processo de rejuvenescimento e requalificação, e prevê-se que cresça significativamente. Estão concluídas, ou em

curso, intervenções muito relevantes: as novas residências universitárias, algumas das quais já inauguradas, o Corredor Verde do Rio Seco, a bacia de retenção integrada no Parque do Alto da Ajuda, e o renovado Palácio da Ajuda. Estas intervenções transformam radicalmente aquela zona da cidade. Estamos a reforçar o investimento nos transportes públicos, e a construção das residências universitárias dará aos alunos outro conforto e proximidade com as instalações da Universidade e com toda a zona envolvente.

ULISBOA Sente que a sua pertença ao Conselho Geral da ULisboa contribuiu para o modo como olha a Universidade e a cidade?

FM O Conselho Geral da Universidade de Lisboa tem uma enorme importância. Poder participar neste órgão, além de um privilégio, permite-me acompanhar com outra proximidade e conhecimento o funcionamento e as necessidades desta importante instituição, assim como aprofundar a relação da Universidade com a sua cidade.

ULISBOA Os seus pais estiveram envolvidos nas lutas estudantis contra a ditadura. Vê alguma ligação especial entre a luta que eles travaram e a sua participação em associações académicas, e nos vários movimentos sociais e políticos em que esteve envolvido?

FM Pertença a uma geração que cresceu em liberdade e democracia. Não esqueço esse privilégio nem ignoro o muito que devo à geração dos meus pais e a todos aqueles que resistiram e disseram «não» quando muitos se calavam ou diziam «sim». Este exemplo molda-nos para a vida. Procurei, num contexto consideravelmente diferente, mas com os seus desafios próprios, trabalhar em prol de um movimento estudantil e cívico que continuasse a implementar na nossa sociedade os valores de Abril, os valores da liberdade e democracia. A melhor forma de honrar esta luta e a memória daqueles que combateram a ditadura é valorizar o legado democrático que nos

deixaram e aperfeiçoá-lo, melhorando as instituições políticas e o seu desempenho ao serviço das populações, construindo um país cada vez mais justo para todos.

ULISBOA Durante os mandatos de Cavaco Silva enquanto primeiro-ministro, teve uma voz ativa contra o sistema de propinas. Que opinião tem hoje sobre este assunto?

FM Um ensino de qualidade é uma das principais ferramentas de mobilidade social de que uma sociedade dispõe, sendo fundamental para um país como Portugal, que, devido aos anos da ditadura, ainda tem um défice de qualificações em relação a muitos dos nossos parceiros europeus, o que limita o nosso potencial de crescimento. Considero da maior importância que o ensino continue a ser tendencialmente gratuito, uma aposta cada vez mais reforçada nos países com grande capacidade de investimento. A riqueza do país deve ser aplicada na investigação e na educação, procurando uma boa utilização dos recursos públicos e procurando otimizar serviços e reduzir custos, garantindo também a sustentabilidade financeira das instituições.

ULISBOA Esteve à frente da iniciativa Novas Oportunidades, quando era secretário de estado do Emprego e Formação Profissional. Considera que foi bem-sucedido? Que retrato faz da qualificação dos portugueses na sequência da implementação deste programa?

FM Foi um programa muito importante para corrigir uma parte do défice de qualificações e educação que tínhamos, em particular a nível do ensino secundário. Cerca de 60 % da população do país com idades entre os 25 e os 64 anos não tinha o ensino secundário, quando a média na União Europeia era de 25 %. Esta situação colocava, e coloca, entraves enormes ao desenvolvimento do país. O programa Novas Oportunidades abriu um mundo de possibilidades para um considerável número de pessoas. Mais de um milhão de portugueses se ins-

creveu no programa, que certificou mais de 400 mil adultos.

ULISBOA Os centros de Lisboa e Porto, juntos, perderam mais população do que todo o interior. Quais são, na sua opinião, as causas deste fenómeno? Que medidas poderão contrariar esta tendência?

FM Esta é uma tendência preocupante, não exclusiva dos centros de Lisboa e Porto, mas de todas as grandes cidades. Nos últimos anos, começamos a verificar uma inversão deste ciclo, com um abrandamento do ritmo de perda ou até com algum crescimento. Um dos graves entraves que empurrou muitas pessoas para a periferia foi o aumento exponencial dos preços da habitação e uma política que dava pouca primazia à relação das pessoas com a sua cidade. Tanto o governo como a CML têm desenvolvido programas que respondam à elevada procura por casas nas zonas centrais da cidade, a preços acessíveis. A CML criou nos últimos anos dois programas de grande envergadura: o programa Renda Acessível e o Renda Segura. O primeiro visa disponibilizar casas em zonas nobres da cidade às famílias e jovens, a preços acessíveis, consoante os seus rendimentos. O segundo é direcionado aos proprietários, muitos deles afetados por esta pandemia, especialmente os que tinham Alojamentos Locais. Com este programa, a CML arrenda casas e coloca-as no mercado a preços acessíveis, garantindo segurança aos proprietários e um aumento da oferta disponível. Temos também feito um grande esforço na requalificação e devolução do espaço público aos lisboetas, com o programa «Uma Praça em cada Bairro», recuperando a frente ribeirinha e a ligação da cidade ao Tejo. Queremos uma Lisboa com famílias e jovens a viver no seu coração, uma cidade cada vez mais rejuvenescida, que seja uma referência na sustentabilidade ambiental e no empreendedorismo, mas com qualidade de vida e preparada para os desafios do presente e do futuro. •

«Apenas em parceria com as instituições de ensino superior conseguimos construir em conjunto o futuro. Sem a universidade, não há cidade.»



AS VOLTAS DA VIDA

ESTUDANTES SENIORES NA ULISBOA

Quisemos descobrir os estudantes com mais de 50 anos que frequentam a Universidade de Lisboa. Falámos com oito alunos, de várias Escolas, acerca do seu percurso de vida, das suas motivações, e de como estão a viver a experiência. Damos também a conhecer alguns dos regimes de acesso disponíveis para regressar à universidade, ou nela ingressar pela primeira vez, com qualquer idade.

«Há amigos meus que não voltam a estudar por vergonha. Não têm coragem. Eu tenho um bocadinho de coragem, não importava se alguém se metesse comigo, eu queria era aprender mais qualquer coisa. Se tiver tempo, faço o doutoramento.»

Armando Antunes, Faculdade de Ciências

MAIORES DE 23 E REINGRESSO

Havendo vontade, há várias portas por onde entrar no ensino superior. Uma delas é conhecida por Maiores de 23, um concurso especial que considera três elementos: o currículo escolar e profissional do candidato; as suas motivações para o ingresso, aferidas por uma entrevista; e a realização de provas – teóricas, práticas, ou ambas – de avaliação dos conhecimentos e competências, definidas pela instituição que oferece o curso. Outra das portas é o reingresso, em que o estudante, após interrupção dos estudos, se matricula na mesma instituição e se inscreve no curso que interrompeu.

A nenhum dos estudantes com quem falámos faltou vontade, apesar dos receios que sentiram. Qual o receio principal? A falta de integração social. A fonte de possível inadaptação era incontornável: a idade. Todas as histórias estão, no entanto, a ser felizes, e todos estão a concretizar o que, para cada um deles, é um propósito sério do seu percurso de vida: obter a licenciatura. E, para alguns, ir ainda mais além.

É o caso de Armando Antunes, que, após a licenciatura em Engenharia Geoespacial (anteriormente designada Engenharia Geográfica), na Faculdade de Ciências, se inscreveu em mestrado na mesma área, iniciado este ano letivo.

Armando tem 72 anos e uma vida ligada à aviação. Foi essa a razão para escolher este curso, que lhe permite conhecer a teoria do que desempenhou na prática profissional. O interesse e a sede de saber são tais que excedeu o número de disciplinas necessárias ao grau de licenciado – Armando deixa claro que quer aprender mais, e conviver com outras pessoas, não apenas obter um diploma. Quanto mais aprende, mais sente que menos sabe e mais há para saber. Esta foi a sua primeira licenciatura, embora tenha concluído o curso de piloto e o de controlador de tráfego aéreo. O desejo de prosseguir os estudos esteve sempre presente, mesmo numa vida tão preenchida. Nasceu em Angola e veio para o continente em 1961. Queria estudar, mas o futebol, primeiro, e o serviço militar, depois, interpuseram-se e ficou-se pelo antigo 6.º ano do liceu. Foi piloto de aviões – pilotou o primeiro modelo existente do Chipmunk – e de helicópteros, e operador de circulação aérea. Chefiou o departamento de despacho de voo e comunicações das linhas aéreas de Angola – TAAG; fundou, com colegas de aviação, a Portugal Airlines e, depois, a Portway, a primeira empresa de prestação de serviços de assistência em aeroportos portugueses. Atualmente, presta serviços de vistoria ao aeroporto de Lisboa. Os seus conhecimentos de aviação abrangem o que se passa no ar e em terra, e a comunicação essencial entre as duas esferas. Hoje, apenas um elemento resiste ainda ao seu domínio, a

linguagem informática, mas aplica-se na aprendizagem com a ajuda dos colegas mais jovens. Este é o único aspeto em que estes parecem estar em vantagem, já que em tudo o resto o apoio é mútuo e a convivência natural. Com o mestrado, e enquanto vogal na Junta de Freguesia de Santa Iria de Azóia, São João da Talha e Bobadela, com a tutela das áreas de mercados, ambiente e obras públicas, falta-lhe por vezes tempo para tudo, mas a satisfação de se sentir útil é um ganho maior.

Quem também persistiu num propósito formulado cedo foi Virgílio Garrido, estudante do 5.º ano do mestrado integrado em Arquitetura, na Faculdade de Arquitetura. Nasceu na Ilha do Príncipe, e aos 18 anos percebeu que era arquitetura o que queria fazer. O gosto pelo desenho técnico levou um professor de liceu a convidá-lo para trabalhar numa repartição de obras públicas, onde realizou os primeiros projetos. Seguiu-se o serviço militar. De regresso ao trabalho, decidiu que era altura de conhecer outros sítios e viver outra vida. Virgílio veio para Portugal como poderia ter acostado noutra lugar. Chegou em 1972 e aqui ficou desde então. Retomou os estudos. Queria ingressar em Belas-Artes e, para isso, tinha de completar o liceu. Tentou fazê-lo enquanto trabalhava, e persistiu até 1981, quando teve de parar por excesso de tarefas. Tinha 31 anos. Nos vinte anos seguintes, os estudos desaparecem da



«No primeiro dia de aulas, cheguei atrasado porque andei à procura da sala. Entro na sala e o professor pergunta: “Vem dar aulas aqui?” Eu digo: “Não, não venho dar aulas. Sou aluno.”»

Virgílio Garrido, Faculdade de Arquitetura

sua vida. Manteve-se, todavia, uma ideia latente, pois, passado esse período, algo o fez completar o ensino secundário. Pensou em ingressar no ensino superior, mas a proximidade da reforma e a incerteza sobre o propósito de uma licenciatura nessa altura da vida fizeram-no recuar. Projetou casas, edificações, pontes, estradas, barragens, autoestradas; antes da reforma, coordenava os projetos e acompanhava a obra. Desta atividade fértil passou para dias ociosos de reforma. Em 2015, com 67 anos, candidatou-se à universidade via Maiores de 23. Reprovou numa das provas – curiosamente, uma prova de desenho – mas não esmoreceu. Em 2016, entrava pela primeira vez no ensino superior.

A sua vontade era clara, mas não desprovida de receios. Nunca se esqueceu da idade e do desconforto que esta lhe poderia causar num meio estudantil. Optou, pois, por se inscrever no horário noturno. Sentiu um pequeno choque quando foi informado de que já não era possível – o que significava ser colega de estudantes de 18 anos. Hoje, com 72 anos, é o aluno mais velho da Faculdade – mas não o que lá está há mais tempo, sublinha – e dos mais acarinhados. Os colegas mais novos beneficiam da sua

vasta experiência, profissional e de vida, e não hesitaram em acolhê-lo no seu meio. Para o projeto final, definiu a ideia desde o 1.º ano: desenhar um hospital para a Ilha do Príncipe. Será o seu contributo para a terra que o viu nascer e que ainda tem fragilidades nos serviços de saúde. Terminado o curso, o primeiro passo é-lhe claro: inscrever-se na Ordem dos Arquitetos. Nascerá um novo arquiteto, preparado para aceitar o trabalho que vier, diz-nos sem hesitação.

Um novo geógrafo surgiu em 2020, Carlos Vital, de 57 anos. Começou a licenciatura em Geografia no início da década de 1990, quando o curso era lecionado na Faculdade de Letras. A entrada no mundo do trabalho tornou-lhe difícil os estudos, com horários pós-laborais inadequados à frequência das aulas e a consequente descida das notas. Dedicou-se em exclusividade à profissão, por mais de vinte anos. Trabalhava no setor bancário, esperando aí permanecer até à reforma, mas um despedimento coletivo alterou inesperadamente a sua vida. Depois de um ano desempregado, decidiu reingressar na licenciatura que havia deixado, agora nas novas instalações do Instituto de Geografia e Ordenamento do Território. Reencontrou

caras conhecidas, professores que começavam a carreira quando frequentara a licenciatura pela primeira vez.

A paixão pela geografia vem de pequeno, quando a mãe lhe oferecia enciclopédias e Carlos se debruçava, atento, sobre os mapas e absorvia a informação acerca dos aspetos físicos e humanos de cada região do globo. O fascínio não esmoreceu, a disciplina continua a interessar-lhe pela interligação de saberes, pela visão de conjunto que traz. Tanto assim que não se ficou pela licenciatura e em setembro iniciou o mestrado em Geografia Física e Ordenamento do Território. Embora tenha deixado de fazer planos a longo prazo, admite que gostaria de trabalhar como geógrafo, daí ter ingressado no mestrado para ganhar bases mais sólidas. A idade tem-lhe dado que pensar, os colegas ainda hoje o tratam por «senhor», mas o embaraço é ultrapassado pela capacidade de compreensão mais profunda e abrangente dos assuntos tratados em aula. Deixa entrever um interesse particular pela climatologia, que poderá resultar numa tese, mas não nos dá certezas. Também não as tem em relação ao futuro, apenas que a cada dia o empenho e a satisfação são os mesmos que tinha no início.

Empenho é uma das palavras-chave quan-

do se decide estudar com um trabalho a tempo inteiro. Que o diga Paulo Caldeira, funcionário da Direção de Serviços Financeiros e de Contabilidade da Presidência do Conselho de Ministros e finalista da licenciatura em Administração Pública e Políticas do Território, no Instituto Superior de Ciências Sociais e Políticas. Em 2017, depois de muitos anos a convencer-se de que não era ainda a altura certa, os amigos persuadiram-no a candidatar-se ao ensino superior pelo regime Maiores de 23. Nasceu em Vila Franca de Xira, mas cresceu numa aldeia em Pedrógão Grande. Acabando por não realizar o percurso escolar que desejava, fazer a licenciatura foi um sonho alimentado durante muitos anos. Acalentava a ideia de regressar à terra onde crescerá e aí colocar em prática o que aprendera, razão para escolher um curso direcionado para a administração local e com ligação aos recursos naturais. Contudo, a sua perspetiva mudou. Tem apenas 52 anos, mas sente a conclusão da licenciatura como um objetivo cumprido, não como um passo para seguir outro rumo de vida. Embora com prazer, o estudo tem implicado um esforço, porque há dias em que o seu trabalho começa às oito da manhã e termina às três da madrugada. Mas nisto Paulo é exímio: ao

longo dos três anos, deixou apenas uma disciplina em atraso, preferindo sempre aplicar-se ao máximo; caso contrário, o esforço teria de ser a dobrar. Duvidou se ainda saberia o que era estudar depois de mais de trinta anos sem o fazer, mas os seus colegas mais jovens ajudaram-no a ganhar e a manter o ritmo, e Paulo não hesita em atribuir-lhes parte da responsabilidade pelo seu sucesso no curso, mesmo que de início temesse a diferença de idades.

Com os receios ultrapassados e a coragem recompensada, cada um destes estudantes não hesita em dizer que foi das melhores decisões que tomaram, e incitam todos os que sintam o mesmo apelo a responder ao chamamento. Está-se sempre a tempo de voltar a estudar, de dar a volta à vida.

CONCURSO ESPECIAL DE ACESSO PARA TITULARES DE CURSOS SUPERIORES

Quem já tem um bacharelato, licenciatura, mestrado ou doutoramento também pode entrar novamente no ensino superior. Pode fazê-lo através do Concurso Especial de Acesso para Titulares de Cursos Superiores,

um regime especial gerido por cada Escola da ULisboa, com calendário, vagas e critérios de seleção específicos. Foi o que fizeram Augusta Carvalho, engenheira e empresária, e António Barbosa, professor e psiquiatra aposentado. A universidade não é para eles uma novidade. O que difere é a enorme vontade de ambos de aprender algo novo que expanda ou complemente os primeiros domínios vocacionais que seguiram. E não lhes faltam motivos nem determinação.

Augusta Carvalho entrou na Faculdade de Psicologia em 2014 e está no último ano do Mestrado Integrado em Psicologia Clínica e da Saúde – Psicoterapia Cognitiva-Comportamental e Integrativa. «Todos me diziam que era maluca e perguntavam: “Por que razão vais agora voltar para a faculdade? Já não te chega o que tens?” Não digo que seja teimosa, mas a minha vontade foi mais forte.»

Augusta é natural de Fermentões, uma aldeia perto de Vila Real, onde os pais eram agricultores. Conta-nos que sempre se sentiu uma adolescente introspetiva e com um interesse especial pela psicologia. No final do 12.º ano, pensou mesmo em inscrever-



© Acervo pessoal



© Acervo pessoal

«O curso junta duas coisas importantes para mim: a administração pública, a que pertenço, e políticas relacionadas com o território. Este é o curso que os mais novos colocam em terceira ou quarta opção; no meu caso, era mesmo o que eu queria.»
Paulo Caldeira, ISCS

«O meu objetivo não é tornar-me advogada, mas sim complementar a minha atividade profissional, tendo simultaneamente o gosto de frequentar as disciplinas.»
Inês Cruz Tavares, Percurso em Ciências Jurídicas



«Tendemos a ser especialistas, e não articulamos com outras áreas. Aos 53 anos, ainda penso ter 20 anos de vida profissional pela frente. Não estou a contar os anos para a reforma.»

Augusta Carvalho, Faculdade de Psicologia

-se nessa licenciatura, mas, na altura, diziam-lhe que não havia emprego na área e que devia perder essa esperança. Precisava de um trabalho, como todos os jovens, e de seguir um curso que lhe garantisse emprego. Como era boa aluna a matemática e a física, escolheu engenharia. Completou Engenharia Têxtil na Universidade da Beira Interior, e acabou por esquecer um pouco a Psicologia. Quando veio para Lisboa começou a trabalhar em consultadoria, atividade que mantém há mais de 20 anos, hoje com a sua própria empresa. Pelo meio, realizou um mestrado em Tecnologia Alimentar na Faculdade de Ciências e Tecnologia da Universidade Nova de Lisboa, uma formação complementar que achou essencial para exercer da melhor forma o trabalho de consultora, sobretudo junto de empresas da área da alimentação. Mas a vontade de aprender ainda mais não a deixaria parar por aqui.

Numa fase mais complicada da sua vida profissional, Augusta entrou em depressão e fez terapia durante um ano. Foi essa terapia que intensificou a sua curiosidade pela Psicologia. Procurou um mestrado, mas cedo percebeu que não o podia fazer sem a licenciatura. Ainda ponderou, pois achava que

uma licenciatura seria demasiado exigente, com uma família, dois filhos adolescentes, e a empresa. Pensou, candidatou-se e acabou por entrar no curso que sempre quis fazer.

Conta-nos que sempre teve dificuldades em comunicar com as pessoas. Quando implementava um sistema de gestão de qualidade numa empresa, trabalhava sobretudo com a pessoa que assumia essa responsabilidade, refugiando-se nessa relação. Mas o estudo da Psicologia acabou por lhe dar as ferramentas que lhe permitem agora trabalhar de outra maneira, envolvendo todos os funcionários da empresa. «Pretendo conciliar a minha vida profissional com uma nova visão das organizações, que me é dada por aquilo que aprendo em Psicologia. Foi um salto qualitativo. O conhecimento que já adquiri na Faculdade dá-me segurança para pôr em prática nas empresas atividades que antes não implementava.»

Quanto à experiência na Faculdade e à interação com os outros estudantes, Augusta mostra-se bastante satisfeita. Diz-nos que se sentiu bem integrada logo no primeiro ano, em que também encontrou colegas que tinham entrado pelo mesmo regime de acesso e outros pelo Maiores de 23. «Acho que era a

mais velha do grupo. Ajudávamo-nos muito uns aos outros e nunca me senti discriminada pela idade.» Os primeiros dois anos foram os mais exigentes, porque estava a tempo integral, o que a fez optar pelo regime parcial a partir do 3.º ano para conseguir manter o ritmo e a lucidez. Agora, no último ano, chegou o estágio, e Augusta já está a ministrar as suas primeiras sessões de Psicologia Clínica. Esta é, aliás, uma atividade que pondera exercer em paralelo com a de consultora. «Poderei dar consultas, mas como complemento à minha atividade profissional principal. Não é que já não seja psicóloga nas organizações, mas continuar a Psicologia Clínica é algo que não coloco de parte.» Augusta não deixa de sublinhar a importância de continuar sempre a aprender, conciliando áreas distintas. Não quer perder a sua faceta de engenheira, mas considera essencial para a sua vida o conhecimento do comportamento humano, das emoções e das relações humanas. E terá ainda uma vida longa pela frente para o poder pôr em prática.

Se a atividade profissional pode ser um impulso para se continuar a estudar, a vontade de aprender não cessa nem mesmo depois de uma vida inteira de trabalho. Que

o diga António Barbosa, professor catedrático jubilado da Faculdade de Medicina, neste momento inscrito na licenciatura em Línguas, Literaturas e Culturas, na Faculdade de Letras. É caso para dizer que António nunca saiu da universidade desde que entrou, em 1973, para estudar Medicina. Já lá vão quase 50 anos.

Começa por nos dizer que se inscreveu na Faculdade de Letras devido à paixão que foi sedimentando, ao longo dos anos, pela língua portuguesa. O gosto pela literatura começou cedo, quando escutava as histórias, lendas e rimas no casulo familiar, ou as lições da professora primária, um prazer intensificado pelas primeiras leituras de Vergílio Ferreira, Mário Dionísio ou João Bénard da Costa. Apesar do constante interesse pela literatura, António não teve dúvidas em escolher primeiro a Medicina. Dedicou-se durante muitos anos à psiquiatria, ao ensino e à investigação, e também à Sociologia e à Antropologia, licenciaturas que completou nos anos 70 e 80. Esta licenciatura que agora começa é, por isso, a quarta, algo que já estava planeado. «Sempre quis ser médico. Médico, psiquiatra, psicanalista, sempre foi esse o meu desejo. Mas em agosto jubilei-me, suspendi a mi-

nha atividade clínica e a docência para me dedicar a esta nova aprendizagem da língua e também à minha família, sobretudo aos meus netos. Já tinha isto pensado. Jubilei-me e candidatei-me logo de seguida.»

A sua relação com a Faculdade de Letras não começou, no entanto, apenas com esta nova aventura. António já tinha frequentado inúmeros cursos livres nesta Faculdade na área da literatura e das humanidades, tendo também colaborado com o projeto científico Narrativa e Medicina. Em simultâneo, foi responsável pela introdução no curso de Medicina de uma disciplina sobre humanidades médicas. Explica-nos que um dos aspetos fundamentais no trabalho clínico é ouvir narrativas, narrativas de doença, de sofrimento, de vida. A atenção dada às narrativas dos doentes permitia-lhe considerar de modo mais claro os contextos de vida dos pacientes e perceber melhor o seu sofrimento. No ensino da relação médico-doente, propunha habitualmente aos seus alunos que encarnassem personagens a partir de excertos de Miguel Torga ou de Fernando Namora. Um dos alunos colocava-se no papel de um pai que está a sofrer porque a filha vai ter um parto complicado, outro no papel do marido aflito que não consegue encontrar os fórceps,

outro no papel do médico que vai fazer um parto pela primeira vez, e outro no papel da curandeira local que critica o médico novo. «Eles assumiam essas personagens e depois treinávamos a comunicação entre médico e doente: como dar más notícias, como ouvir a narrativa da doença. Ficavam humanizados pela literatura.»

Sempre ligado aos textos literários e à importância das humanidades no ensino e exercício da Medicina, António percebeu que era agora o momento para lhe dedicar mais tempo. Os seus objetivos são claros: fundamentar os conhecimentos da língua, tirar mais prazer da leitura, e comunicar e escrever melhor. Diz-nos que ainda está em lua de mel com o curso – é só o primeiro semestre –, e confessa-nos que até superou as suas expectativas, destacando a autonomia que tem para escolher as cadeiras que quer. O convívio com os outros estudantes não tem sido muito, devido à pandemia, mas sente-se completamente integrado, ou não fosse a universidade a sua casa. A única diferença é que agora se senta no lugar do aluno.

Estudar quando se é mais velho tem estas peculiaridades, os papéis podem inverter-se. Quem foi professor tantos anos



© Ana Luísa Valdeira

«O currículo é construído por nós; há algumas disciplinas obrigatórias e uma imensidão de disciplinas facultativas, muito interessantes. Foi um dos aspetos que mais me atraiu.»

António Barbosa, Faculdade de Letras



«Costumava dizer que, nem que fosse aos cinquenta anos, ia acabar a licenciatura. Voltar à escola não foi fácil. Não é como estar numa empresa e cumprir um horário, chegar a casa e desligar o botão.»

Carlos Vital, IGOT

ainda pode voltar a ser estudante. Todos começamos a aprender a ler e a escrever com a mesma idade, e muitos de nós entramos na universidade assim que terminamos o ensino secundário. Pode até existir uma idade ideal para se começar a aprender, mas não existe decerto nenhuma para parar.

PERCURSOS SENIORES

É comum usar-se a expressão «ter a vida feita» quer a respeito de aposentados, quer de pessoas que possuem uma situação profissional regularizada e estável. Num e no outro caso, essa expressão pode veicular uma noção passiva e estanque da vida – a vida já feita, ou a caminho de ficar feita. É por quererem continuar a fazer ativamente a própria vida, estejam ou não aposentados, que muitos seniores procuram a formação universitária. A Universidade de Lisboa disponibiliza uma opção de formação mais concentrada, integrada na sua oferta curricular regular: os Percursos Seniores. Vigoram na Faculdade de Direito

e na Faculdade de Letras, e destinam-se a estudantes com mais de 50 anos.

Um percurso é traçado a partir dos planos curriculares das respetivas Escolas, consistindo na frequência de uma unidade curricular semestral ao longo de três semestres. Um estudante completa o seu percurso depois de ter frequentado três unidades curriculares. A Faculdade de Direito oferece *6 Percursos em Ciências Jurídicas*, e a Faculdade de Letras, *12 Percursos em Humanidades*. São opções atrativas para quem deseja aprofundar em contexto universitário o conhecimento de disciplinas fundamentais, sem o constrangimento da obtenção de um grau académico. No final dos três semestres do percurso, os estudantes podem, no entanto, obter um diploma.

Os seis percursos propostos pela Faculdade de Direito baseiam-se nas áreas mais tradicionais do conhecimento académico jurídico. O programa, que entrou em vigor apenas este ano letivo, teve no primeiro semestre 11 inscritos entre os 55 e os 75 anos. Rute Saraiwa, professora que tem acompanhado o projeto, explica que «há sempre no 1.º semestre uma disciplina obrigatória, que dá as bases e

permite avançar no percurso». Nos 2.º e 3.º semestres, estão disponíveis disciplinas da licenciatura em Direito e dos mestrados em Práticas Jurídicas. Os estudantes seniores estão integrados em turmas de licenciatura ou de mestrado, tendo as aulas nos mesmos moldes que os colegas mais novos.

A maior parte dos candidatos escolheu o percurso em Ciências Jurídicas. Foi o caso de Inês Cruz Tavares, de 62 anos, natural de Elvas e formada em Gestão. Inês deu aulas no Instituto Superior de Gestão Bancária e doutorou-se em Contabilidade de Custos e Controlo de Gestão. Há cerca de seis anos, enveredou pela gestão de empresas agrícolas, de que é acionista, com uma irmã. Uma vez que o sector da agricultura é muito regulamentado, Inês está habituada a ler contratos, portarias e regulamentos. Considerou que frequentar as três disciplinas do percurso em Ciências Jurídicas seria um bom complemento à sua atividade profissional, além de uma matéria desafiante. Embora não pondere fazer uma licenciatura em Direito, não exclui a possibilidade de frequentar mais unidades curriculares isoladas. No primeiro semestre, frequentou *online* a cadeira de Introdução

ao Estudo do Direito, mas, dada a situação pandémica, decidiu suspender a inscrição no segundo semestre e recomeçar o seu percurso no próximo ano académico. Enquanto pequena empresária, tão cedo não pensa abandonar a sua atividade profissional.

No caso dos Percursos em Humanidades, os candidatos escolhem primeiro o percurso, e depois as três disciplinas que mais desejam estudar. Maria Cristina Pimentel, professora catedrática e diretora da Área de Literaturas, Artes e Culturas da Faculdade de Letras, é, com a professora Alexandra Assis Rosa, uma das mentoras do projeto. Tendo a Faculdade de Letras, à semelhança da de Direito, grande experiência com alunos mais velhos, propôs-se um modelo em que os seniores pudessem assistir às aulas com os mais jovens, frequentando as mesmas unidades curriculares – isto é, sem que a oferta formativa e as turmas fossem criadas especialmente para eles. Como explica Maria Cristina Pimentel, estes estudantes têm, nas disciplinas em que se inscrevem, «um estatuto exatamente igual ao dos outros, exceto numa coisa: podem escolher se são avaliados». À data, as áreas com maior procura são His-

tória, especialmente História de Portugal, Estudos Clássicos, e as Literaturas. No primeiro semestre havia cerca de 80 inscritos nestes percursos.

A experiência tem mostrado que quem faz um percurso quer, geralmente, fazer mais. Um estudante sénior, incentivado pelo que estudou no seu percurso, e se já for licenciado, pode também decidir fazer um mestrado ou um doutoramento. É uma possibilidade que Carlos Garcia, de 68 anos, não põe de lado. Inscrito no percurso em História de Portugal, move-o, além da curiosidade, a necessidade de perceber «a origem deste país tão estranho, que, nas suas origens, teria tudo para dar errado e deu certo». Formado em Engenharia Eletrónica e Telecomunicações pelo Instituto Superior Técnico, Carlos trabalhou sempre na área dos sistemas e tecnologias de informação. Esteve ligado à administração pública; trabalhou na Petrogal; foi professor convidado numa universidade privada durante 25 anos; fez um mestrado em Gestão de Sistemas de Informação, no ISCTE; foi formador no Instituto Nacional de Administração; e publicou artigos científicos. Fez também canoagem, pinta, e pertence atualmente à direção do Conselho Português para a Paz e Cooperação.

Está reformado há cerca de um ano e afirma que nunca perdeu o desejo de aprender e de conhecer, considerando que a universidade é o lugar para isso. Reconhece que os percursos disponibilizados pela Faculdade de Letras têm a qualidade de não segregarem os estudantes seniores. E Carlos constata a diferença, pois já esteve numa universidade sénior, «mas não era exatamente o que pretendia». Enquanto quiser e puder, vai continuar a estudar: quando terminar o seu percurso, pondera fazer unidades curriculares nas áreas da Linguística e da Filosofia. Confessa que participa muito nas aulas e que tem de se refrear para não exagerar: «Estou lá como amador. Tem de se dar espaço a quem está lá com um objetivo mais concreto do que o meu.»


Não é que os seniores não tenham objetivos concretos na frequência destes percursos; vimos como Inês, do percurso em Ciências Jurídicas, escolheu este tipo de formação para obter conhecimento relevante para a sua profissão. Mas idealmente, como Carlos conclui, «a universidade seria um sítio onde se poderia ir várias vezes ao longo da vida» para aprender, ler, estudar e conhecer, e sem o fito de arranjar um emprego que permita ficar com a vida feita. •



© Acervo pessoal

«Este curso parece feito à minha medida. Veio preencher lacunas em áreas do meu interesse, mas não com “coisinhas” preparadas para a minha idade e condição.»

Carlos Garcia, Percurso em História de Portugal

A portrait of José Manuel Pinto Paixão, a middle-aged man with glasses, wearing a dark suit jacket over a light blue shirt. He is standing with his arms crossed against a textured, golden-brown wall. The lighting is soft, highlighting his features and the texture of the wall.

JOSÉ MANUEL PINTO PAIXÃO

UM HOMEM DE SORTE

Vice-reitor e professor catedrático da Faculdade de Ciências, jubilou-se em outubro deste ano. Foram mais de quarenta anos de ensino e investigação, em que ocupou cargos dirigentes e de gestão, além de ter desenvolvido intensa atividade desportiva. «Ser professor preenche-nos», disse-nos, numa conversa a que acedeu, reticente, confessando ser a alegria do falador que a tal o impelia.

Nasceu em Faro, em 1950, mas é na ilha de São Tomé que situa as primeiras memórias de vida. Foi para lá ainda mal caminhava, e fez na ilha os primeiríssimos estudos, com uma professora são-tomense que recorda bem, Maria de

Jesus Agostinho das Neves, mãe da poetisa Alda Espírito Santo. Acabou por regressar a Faro, onde concluiu a instrução primária e iniciou o ensino liceal, no então Liceu Nacional de Faro. Sendo o pai militar de carreira, mudou-se com a família para Lisboa

em época coincidente com o princípio do terceiro ciclo, e ingressou no Liceu Camões.

A mudança foi enriquecedora, deu-lhe uma visão mais ampla da vida fora de portas e permitiu-lhe conviver com um leque de pessoas de diferentes estratos sociais. Para

«O futebol é um desporto de *gentlemen* praticado por rufias, e o rãguebi é um desporto de rufias praticado por *gentlemen*.»

isso terá contribuído a entrada no Instituto Superior Técnico, no curso de Engenharia Química. Foi no Técnico que foi apresentado ao rãguebi, de que nos falará longamente. Foi lá que conheceu Jaime Campos Ferreira, professor de Matemática, que operou «uma revolução completa no seu espírito» – e que terá influenciado a primeira decisão importante da carreira académica: mudar de área de formação. Foi para Matemáticas, na Faculdade de Ciências – e, como diz, gostou tanto, que acabou por ficar. Licenciou-se em 1973, com a classificação final de 17 valores.

Seguem-se anos de grande dinamismo profissional e académico, de grandes mudanças e decisões. Logo no ano em que concluiu a licenciatura, sendo professor assistente na Faculdade de Ciências, integrou um projeto inovador, o designado Gabinete da Área de Sines. Entre as funções que desempenhou, inclui-se a produção de um modelo demográfico para a região de Sines, a implementação computacional de um modelo de simulação do porto de Sines, o desenvolvimento de um modelo de simulação para o terminal petrolífero de Leixões, e o estudo de um modelo de poluição atmosférica para a zona industrial de Sines. As reuniões do projeto eram multidisciplinares, juntando engenheiros químicos, economistas, arquitetos e matemáticos. Sentia-se o ar

da mudança nos tempos que antecederam o 25 de Abril, e foi também uma época de muitas transformações no ensino superior. A Faculdade de Ciências caracterizava-se por um não-alinhamento político com o governo, sobretudo no que tocava à Associação de Estudantes, da qual fazia parte. As reuniões decorriam no edifício onde está hoje sediado o Teatro da Politécnica, junto ao Jardim Botânico de Lisboa.

Após o 25 de Abril, teve a possibilidade de tornar permanente a sua colaboração no Gabinete da Área de Sines, mas optou pela carreira académica – ainda incerta, pois era, à data, assistente eventual. Por ter enveredado por uma área científica emergente dentro da matemática, a Investigação Operacional, foi-lhe atribuída a regência teórica de disciplinas dos últimos anos da licenciatura em Matemática. Embora tal o entusiasmasse, tomou a que considera a segunda decisão importante da sua carreira: não se deixou prender pela presumida importância de ser regente teórico de cadeiras dos últimos anos e decidiu doutorar-se, o que, na área pela qual queria enveredar, significava sair de Portugal.

Teve a sorte de conhecer num congresso uma das sumidades da área, o matemático Nicos Christofides, que lhe sugeriu ir para Londres. E Pinto Paixão foi para o Imperial



© Acervo pessoal

Jogo de rãguebi Técnico-Belenenses (Campeonato Nacional da 1.ª Divisão). Estádio Universitário de Lisboa, novembro de 1984

College of Science and Technology. Na altura, tinha já 30 anos e filhos. Inicialmente, nem tinha a certeza de poder estar em Londres os três anos do doutoramento. Mas o primeiro ano correu bem, e acabou por ficar mais dois, como bolsheiro da Fundação Calouste Gulbenkian. Foi um período exigente, pois não era comum fazer-se lá um doutoramento em apenas três anos: entregou a tese no final de 1983 e defendeu-a em 1984. A relação com Christofides tornou-se uma amizade que só terminou com a morte do professor cipriota, em 2019.

Nos anos londrinos, Pinto Paixão deu por si «na Meca do rãguebi»: só o Imperial College tinha oito equipas, com estudantes de todo o Reino Unido. Foi titular da primeira equipa, até que uma lesão grave, de rutura total dos ligamentos do joelho direito, o forçou a parar. Foi operado e passou dez meses em recuperação, fazendo fisioterapia no Hospital St Stephen's. É impossível não notar o entusiasmo quando fala do rãguebi, acerca do qual partilha connosco uma definição elucidativa: «O futebol é um desporto de *gentlemen* praticado por rufias, e o rãguebi é um desporto de rufias praticado por *gentlemen*.» Por se tratar de uma modalidade de elevado contacto físico, exige lealdade e respeito pelo adversário: não se dá uma pancada na cabeça de um adver-

**Fotografia da direita**

Nicos Christofides (1942-2019). «Desenvolvemos uma grande amizade e colaborámos em alguns projetos com a indústria através da aplicação de modelos e técnicas matemáticas (optimização combinatoria) à resolução de problemas da vida real. Nicos foi autor de um livro seminal, *Graph Theory: An Algorithmic Approach*.» Reitoria da Universidade de Lisboa, outubro de 1990

Fotografia da esquerda

John Nash (1928-2015), matemático norte-americano laureado com o prémio Nobel em Economia. Na fotografia, tirada no Aeroporto de Lisboa, em 2010, está Alicia, com quem John casou por duas vezes, e o filho de ambos. A família Nash esteve uma semana em Portugal por ocasião do XXV Congresso da EURO (The Association of European Operational Research Societies), a cuja organização Pinto Paixão presidiu. John Nash foi palestrante numa sessão plenária numa Aula Magna completamente cheia.

sário, não se pisa um adversário que esteja no chão. O rãguebi é uma escola de valores, que ensina a sofrer: «ganhamos coragem, ganhamos confiança em nós». De regresso a Portugal, continuou a praticar, no Clube de Rãguebi do Técnico, voltando a jogar ao mais alto nível. Depois de ter sido campeão nacional como jogador, foi treinador da equipa do Técnico e treinador-adjunto da Seleção Nacional, chegando também a campeão nacional como treinador. Em meados dos anos 90, achou que era altura de sair.

Pinto Paixão afirma, não sem emoção, que sempre gostou da sua profissão, sobretudo pela relação com os estudantes, «uma relação biunívoca», em que o professor transmite conhecimento, mas também o colhe dos seus interlocutores. A universidade tem a virtude de a provisão de estudantes se renovar todos os anos, expondo o professor ao contacto permanente com novas gerações e novo pensamento. O prazer fundamental, declara, não é o de ensinar, mas o de ver que alguém, pelas suas próprias qualidades, aprendeu alguma coisa – e, mais ainda, quando estudantes de mestrado ou de doutoramento, tendo aprendido com o professor, o superaram.

A investigação operacional cativou-o por lidar com os problemas práticos. Eram raros os matemáticos que por ela enveredavam, mas, para Pinto Paixão, «a matemática realiza-se em pleno quando é posta ao serviço de resolver um problema, não de o inventar». Nunca imaginou para si uma vida num gabinete iluminado a meia-luz, debruçado sobre fórmulas matemáticas. Não se cansa de repetir que a sorte sempre o brindou, pois lhe apresentou sempre oportunidades. Que soube reconhecer e agarrar. Em Portugal, após o doutoramento, iniciava-se a organização do planeamento operacional dos transportes urbanos, sobretudo na região de Lisboa. Foi lançado um desafio à comunidade científica, ao qual respondeu e ganhou, com a colaboração de duas antigas estudantes suas de licenciatura. Começou assim a sua contribuição para uma das áreas a que mais se dedicou, o planeamento de transportes urbanos.

De aluno a vice-reitor da Universidade de Lisboa, de diretor da Faculdade de Ciências a Secretário de Estado Adjunto do Ministro da Ciência e do Ensino Superior, Pinto Paixão testemunhou e foi agente de um período intenso de alterações na universidade portuguesa, entre os anos de 1970 e a

segunda década do século XXI. A mudança de maior destaque é o aumento do número de estudantes universitários, de quarenta para quatrocentos mil. O ensino superior deixou de ser de acesso restrito, para elites, embora admita que ainda há muitos sem condições para ingressar na universidade, uma barreira a ser derrubada. Outro salto qualitativo é o investimento na formação de docentes universitários em terras anglo-saxónicas, que regressavam a Portugal mais comprometidos com a investigação e o desenvolvimento, beneficiando os seus alunos. Como terceira alteração, aponta a evolução na estrutura organizativa das universidades: antes do 25 de Abril, os dirigentes das instituições de ensino superior eram designados pelo Governo. Desde aí, atingiu-se uma maior autonomia; contudo, esta pode, e deve, crescer: «É uma batalha longa que tenho tido. As instituições deviam ter mais capacidade de se autogovernarem e de selecionarem os seus quadros. As melhores universidades do mundo estão nos sistemas em que há maior liberdade.»

A pandemia de 2020 trouxe um maior reconhecimento da importância da ciência, mas para Pinto Paixão a sociedade portu- guesa

«As instituições deviam ter mais capacidade de se autogovernarem e de selecionarem os seus quadros. As melhores universidades do mundo estão nos sistemas em que há maior liberdade.»

sa não está ainda ciente do salto da Universidade de Lisboa em alguns *rankings* mundiais, apenas possível após a fusão da antiga Universidade de Lisboa com a Universidade Técnica de Lisboa, processo do qual fez parte. Tudo começou num dos almoços mensais que ele, já diretor da Faculdade de Ciências, tinha com o então presidente do Instituto Superior Técnico, António Cruz Serra. Era dezembro, e quando se levantaram da mesa cada um foi falar com o reitor da respetiva universidade, para apresentar uma ideia clara: a universidade enquanto conjunto de saberes reunidos, assente na crença de que o conhecimento nasce e cresce da diversidade de visões e saberes. Era algo que vinha dos seus tempos de estudante, em que convivia com alunos de Medicina e de Belas-Artes que partilhavam o edifício na Rua da Escola Politécnica, e, diz-nos, «quem tivesse os olhos bem abertos e os ouvidos desentupidos, percebia como aquelas pessoas nos ensinavam muito, arrancando-nos à arrogância do “nós é que sabemos tudo”».


Pinto Paixão define três momentos-chave na sua vida: a mudança de curso, a ida para Londres, e a candidatura a reitor da antiga Universidade de Lisboa. Aconteceu em 2002, e garante-nos que não foi premeditada, como aliás a maior parte dos acontecimentos da sua vida. Foi também em dezembro – e, enquanto nos conta isto, apercebe-se de que dezembro é um mês carismático no seu percurso. Num final de tarde, sozinho no seu gabinete da Faculdade de Ciências, tomou a decisão. A primeira pessoa a quem a comunicou? Ao reitor em funções, José Barata-Moura. Foi ao seu gabinete na reitoria anunciar-lha. O que o

motivou? A vontade de abrir caminho ao crescimento da Universidade. Surpreende-nos ao dizer: «Felizmente, não ganhei!» Não ganhou as eleições, mas ficou a conhecer mais e melhor a Universidade e as suas pessoas.

No ano seguinte, em 2003, foi convidado para o cargo de Secretário de Estado Adjunto do Ministro da Ciência e do Ensino Superior. Estava em exercício o XV Governo Constitucional, com um programa fortemente reformista, em particular no ensino superior. Pinto Paixão participou na elaboração de documentos fundamentais para o sistema educativo português, que ainda vigoram, como a Lei de Bases de Financiamento do Ensino Superior e a Lei de Bases do Sistema Educativo. Confessa-nos que se orgulha do primeiro, que poucas alterações sofreu: «Foi trabalhado durante muitas horas e no melhor espírito. Cheguei a reunir ao domingo com o reitor da Universidade de Coimbra, o Prof. Fernando Seabra Santos, membro do Partido Comunista. Não andávamos à procura de consenso, andávamos à procura de um documento.» O segundo que refere, a atual Lei de Bases da Educação, implementou o modelo de Bolonha em Portugal. Embora à época tenha acerrimamente defendido essa solução, hoje pergunta-se se foi a melhor: «Tenho dúvidas, como de quase tudo na vida. Mas é bom: é sinal de que temos a cabecinha no lugar.» Em cima da mesa estavam dois modelos: 3+2 (um 1.º ciclo de estudos de três anos e um 2.º ciclo de dois anos, o modelo que prevaleceu) e 4+1 (um 1.º ciclo de estudos de quatro anos e um 2.º ciclo de um ano). Defendeu o primeiro pela flexibilidade que permitia, contrariando o

determinismo de ferro de um curso de cinco ou seis anos. A dúvida que hoje o assalta baseia-se na concretização do modelo, com a compressão das licenciaturas existentes, ao invés da criação de raiz de uma primeira formação de três anos: «O 1.º ciclo de Bolonha, mesmo em Medicina, devia ser sempre uma mistura de *major* com *minor*. Este *minor* devia ser, de preferência, complementar, ou seja, o estudante de Ciências devia poder fazer um *minor* em Humanidades ou Belas-Artes, por exemplo.»

Em 2020, concluiu oficialmente a carreira. Novamente, considera-se bafejado pela sorte, pois fê-lo enquanto vice-reitor da Universidade de Lisboa, associado a um reitor e a uma equipa que considera excecionais. A somar a esse privilégio, teve a tutela de uma área que acarinhava, mas que ainda não gerira, a do património: «Foi um trabalho de prazer. Tanto mais que o património da Universidade de Lisboa é fabuloso, parece sem limites.» Abriu-se a Universidade aos seus museus e jardins, e abriu-se este património aos cidadãos. Exemplo paradigmático foi a requalificação do Jardim Botânico de Lisboa, do Jardim Botânico da Ajuda e do Jardim Botânico Tropical: inicialmente destinados ao ensino e à investigação, foram sendo redesenhados para acolherem todos os visitantes, tornando-se espaços públicos plenos. Mostra-se satisfeito com o que conseguiu, mas o seu carácter generoso e diligente não lhe permite dizer senão que «há muitas coisas que foram feitas, mas também muitas por fazer». E di-lo com o sorriso do jovem que entra no campo de rãguebi com medo, mas certo de que a astúcia o fará fintar o adversário. ●



OS SISTEMAS DE GESTÃO DE BIBLIOTECAS E DE ARQUIVOS DA LISBOA

A Universidade de Lisboa põe ao serviço da sua comunidade académica, bem como do público em geral, dois sistemas integrados de gestão de bibliotecas e arquivos.

BIBLIOTECAS DA ULISBOA

Qualquer estudante, professor, investigador ou cidadão pode consultar agora o catálogo coletivo das Bibliotecas da Ulisboa, através de um único ponto de acesso:

<https://catalogo-bibliotecas.ulisboa.pt/>

A partir desta plataforma, é possível aceder aos recursos bibliográficos das coleções das várias unidades orgânicas da instituição, das suas 18 Escolas, do Museu Nacional de História Natural e da Ciência e do Instituto de Investigação Científica Tropical.

A implementação de um sistema único de gestão de bibliotecas foi um dos projetos que a fusão das antecessoras Universidade de Lisboa e Universidade Técnica de Lisboa pretendeu levar a cabo. Quando as duas instituições se uniram, em 2013, a recém-criada Universidade de Lisboa compreendia uma realidade que herdara práticas diferenciadas, sistemas tecnológicos distintos, ou até a inexistência de sistemas, como no caso dos arquivos. No que diz respeito à gestão de bibliotecas, havia nove sistemas diferentes e cinco formatos de catalogação, não comunicantes entre si. Do ponto de vista do utilizador, quem procurava um livro tinha de ir ao *website* de uma Escola e fazer a pesquisa no catálogo da respetiva biblioteca, sem ter a perceção do que, para além disso, existia no universo da Universidade. Agora, a partir de um único ponto de pesquisa, é possível aceder a todos os registos bibliográficos da ULisboa. Essa pesquisa pode ser circunscrita a uma biblioteca em particular ou a todas as bibliotecas da Universidade.

A criação de um sistema único de pesquisa e gestão de bibliotecas para a Universidade de Lisboa foi um desafio que Ana Silva Rigueiro, diretora do Departamento de Arquivo, Documentação e Publicações dos Serviços Centrais, não hesitou em aceitar. O seu papel foi o de gerir o projeto, em colaboração com a equipa do Núcleo de Do-

cumentação, e em diálogo permanente com as bibliotecas dos Museus e das Escolas. Era importante, como nos explica, que estas acompanhassem de perto, e desde o início, a implementação do novo sistema.

A seleção do sistema que substituiu os nove sistemas herdados teve em conta a recomendação de que fosse *open source*, isto é, em código aberto. De acordo com as orientações da União Europeia e do governo português, as instituições da administração pública devem, sempre que possível, dar prioridade aos sistemas em código aberto, os quais lhes permitem ter a propriedade efetiva da informação. São, além disso, sistemas preparados para evoluir no tempo; numa época em que as inovações tecnológicas são de tal modo velozes, não se pode correr o risco de comprar o acesso a um sistema proprietário que, ao fim de poucos anos, possa estar obsoleto, descontinuado, ou sem manutenção.

Foi escolhido o Koha, um sistema de gestão integrada de bibliotecas implementado em mais de 200 países. Nele, os utilizadores têm à disposição um conjunto de recursos e serviços, orientados para a criação de uma biblioteca personalizada. O catálogo de acesso público *online* (OPAC) possibilita a pesquisa e navegação em todo o acervo bibliográfico da ULisboa e a interação com as bibliotecas em qualquer momento, a partir de qualquer localização geográfica. Em particular, este sistema permite consultar e renovar os empréstimos de livros; efetuar reservas de livros; consultar o histórico de empréstimos; consultar multas; submeter sugestões de itens a adquirir pela biblioteca; modificar as informações pessoais e a senha de acesso; gerir a forma como se pretende ser notificado pela biblioteca; gerir listas privadas ou públicas de itens; adicionar *tags* a itens do catálogo. Todos os processos de interação que um utilizador tem com uma biblioteca, como as requisições e empréstimos, foram uniformizados.



Coleção de diapositivos, Arquivo Reitoria
 Informação textual, registada em papel e representada em correspondência avulsa, Arquivo Reitoria
 Informação áudio, registada em cassetes, Arquivo Reitoria
 Informação audiovisual, registada em bobines, Arquivo Reitoria

Fotografias © Ana Luísa Valdeira

Para a Universidade, este sistema tem a vantagem de contribuir para uma redução significativa de custos permanentes com licenças e manutenção, sendo a sua administração assegurada pelos Serviços Centrais. Foi implementada a versão 16.11, o sistema estável mais recente do Koha, que, apoiado por uma significativa comunidade internacional, garante uma melhor gestão de recursos, de sustentabilidade, de propriedade

dos dados, e do desenvolvimento futuro de novas funcionalidades.

Como as bibliotecas tinham também classificadores e formatos de catalogação diferentes, normalizou-se a forma de classificação. Dos cinco formatos anteriores, optou-se pelo Unimarc, para o qual foi garantida formação a todas as Escolas. A construção de vocabulários controlados teve por base o RJIES, os estatutos da Uni-

versidade, e a normalização já consagrada. A entrada em produção do Koha, agora integralmente disponível à comunidade académica, e o encerramento dos sistemas herdados realizaram-se em duas fases. A primeira compreendeu a substituição dos sistemas Ceres, bases de dados xls, Koha – versão 3.8, e Millennium. A segunda fase completou-se com a substituição dos sistemas Aleph, Biblio.Base, Digttool, Prisma e Porbase.

Foi necessário desenvolver um IDM (*Identity Management*), sistema de identidades único, para a Universidade. Deste modo, um utilizador que pertença à comunidade académica enquanto estudante do ISEG e professor do Técnico, por exemplo, está identificado por um só perfil e acede da mesma maneira a toda a informação. O novo sistema de gestão de bibliotecas da ULisboa contribui assim para a criação de uma identidade única, a das Bibliotecas da ULisboa, mantendo-se completamente assegurada no catálogo a identidade de cada Escola.

Coleções
fotográficas
de atividades
culturais
e registos
de campo,
Arquivo
Reitoria



© Ana Luísa Valdeira

ARQUIVOS DA ULISBOA

Os arquivos da Universidade de Lisboa compreendiam, até há bem pouco tempo, uma extensão imensa de documentação com cerca de 20 quilómetros, onde não existia sequer um inventário. Era este o cenário encontrado após a criação da Universidade de Lisboa, em 2013. Havia documentação empilhada em caixas, dispersa por vários edifícios da Universidade, e sem qualquer tipo de listagem, uma realidade herdada que precisava de ser revertida; os documentos precisavam de ser organizados, geridos e protegidos. Para tal, e à semelhança do que foi feito para as bibliotecas, com a criação de um sistema único de gestão, tem sido também desenvolvido um sistema de gestão

dos arquivos da Universidade, um trabalho iniciado em 2014.

Primeiro, foi necessário perceber onde havia documentos, identificá-los, transferi-los, reorganizá-los e criar um plano de classificação. Fora, entretanto, constituído um grupo de trabalho, liderado pela ULisboa, para se elaborar um regulamento para todas as universidades e institutos politécnicos do país. Não se podia criar um sistema de gestão destes arquivos, sem antes se ter toda a informação organizada para o alimentar. Só desta forma foi possível recuperar toda a documentação produzida na Universidade de Lisboa nos últimos 100 anos, avaliar os documentos, organizá-los e fazer a eliminação legal de documentos

com base no Regulamento de Avaliação de Documentação Acumulada para as Instituições de Ensino Superior (RADA-IES). Este processo foi apresentado pelo Reitor da ULisboa ao Conselho de Reitores das Universidades Portuguesas, que o aprovou, e, em sequência, à Direção-Geral do Livro, dos Arquivos e das Bibliotecas que lhe conferiu, em 2016, o estatuto de instrumento legal. Mais tarde, foi estabelecida a avaliação-piloto que permitiu testar o instrumento em ambiente real, de que resultará o RADA-ULisboa, específico para a documentação da Universidade. Em simultâneo, foram aproveitados espaços físicos já existentes que, após obras de adaptação, permitiram implementar depósitos de ar-



Coleção de plantas de arquitetura, Arquivo Reitoria



Pormenor do fundo documental histórico da Reitoria (1911-)

quivo normalizados, tanto para os documentos em suporte físico – com a recuperação de estantes e a aquisição de mais nove quilómetros lineares –, como para os servidores que alojam os documentos digitalizados e nado-digitais.

Hoje, a primeira fase do sistema de gestão de Arquivos da ULisboa está concluída, e disponível para consulta aqui:

<https://sistema-arquivos.ulisboa.pt/>

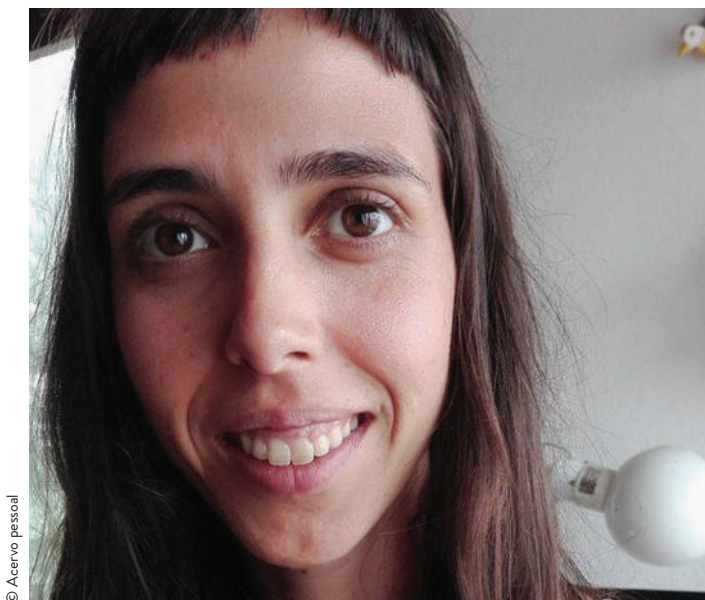
Esta plataforma permite a pesquisa dos documentos já avaliados; o acesso ao registo descritivo de cada processo; a visualização de documentos digitais; e a navegação pelos fundos de arquivo herdados, pelos termos e assuntos já compilados. Estes documentos são representativos da história humana, administrativa, da investigação e do ensino da Universidade, um património documental compreendido pelo universo dos Serviços Centrais (Arquivo da Reitoria, do Estádio Universitário e do Museu Nacional de História Natural e da Ciência), das suas Escolas, dos Serviços de Ação Social, do Instituto Bacteriológico Câmara Pestana, da Fundação da Universidade de Lisboa, da Universidade Técnica de Lisboa, do Gabinete de Apoio da Universidade Técnica de Lisboa e do Institu-

to de Investigação Científica Tropical. É tão grande a sua extensão, quanto a sua diversidade. Os Arquivos da ULisboa contêm documentação e informação produzida, recebida ou herdada de interesse científico, cultural, administrativo, probatório ou legal, e no qual se incluem, entre tantos outros, relatórios e planos de atividades e contas; atas e decisões de órgãos de gestão; processos individuais; coleções de tirocínios; programas de cadeiras; livros de termos; recortes de imprensa; coleções de fotografias e diapositivos; documentos audiovisuais; documentos áudio; plantas de arquitetura e mapas.

Quanto ao acesso aos documentos, há critérios diferenciados: há documentos de acesso público, no âmbito de acesso à documentação administrativa; documentos de acesso reservado, com base no regulamento de proteção de dados, tais como processos de alunos ou funcionários ainda vivos, que apenas podem ser consultados pelos próprios ou com a sua autorização; e documentos confidenciais, como processos de penhoras de vencimentos ou processos disciplinares. Numa segunda fase, o sistema estará disponível em todas as Escolas da ULisboa, e contará com um balcão eletrónico para a trans-

ferência, ingresso, incorporações, acesso ou reprodução de documentos, essencial para quem quiser consultar um documento no seu formato físico ou receber imagens digitalizadas desse documento, um serviço não só disponível à comunidade da ULisboa, mas aberto ao mundo. Entretanto, as atividades de avaliação e de digitalização prosseguem, pois os arquivos da Universidade têm um século inteiro por descobrir e tratar.

Um arquivo, pela sua natureza, é uma realidade bem diferente da de uma biblioteca. Cada livro numa biblioteca é um exemplar, uma cópia reproduzida centenas ou milhares de vezes, o que permite que uma mesma obra se encontre em muitos espaços e bibliotecas diferentes espalhadas pelo mundo. Num arquivo, contudo, cada documento é único, cada documento é a prova de uma ação, de uma atividade, de um projeto, de uma reunião, de uma tomada de decisão. Cada documento conta uma história. Os documentos dos Arquivos da ULisboa são, por esse motivo, a memória coletiva da instituição, das suas atividades e das pessoas que nela trabalharam ou estudaram, desde a sua fundação até hoje, configurando-se como máquinas do tempo que escrevem a história da nossa Universidade. ●



© Acervo pessoal

ALEXANDRA RAMIRES

Realizadora de cinema de animação, alumna de pintura de Belas-Artes, membro fundador da Cooperativa BAP, Alexandra falou connosco via Zoom e fez-nos chegar o seu bicho-carpinteiro criativo.

ULISBOA Por que razão assina alguns trabalhos com «Xá»?

ALEXANDRA RAMIRES É o nome pelo qual me tratam desde criança os amigos mais próximos, a família, e até professores da Faculdade. Provavelmente eu ou a minha irmã não sabíamos dizer bem «Alexandra», e dizíamos «Xá». Quando comecei a assinar trabalhos, o meu nome parecia-me muito formal, quase como se tivesse de pôr uma cara mais séria. Mas o primeiro filme que fiz, *Água Mole*, foi em colaboração com a Laura Gonçalves, e «Laura Gonçalves e Xá» deu alguns problemas, porque as pessoas eliminavam o meu nome, ou achavam que era o último nome da Laura. E, por vezes, para me inscrever em festivais, não aceitavam um nome de duas letras. Acabei por me render a assinar Alexandra Ramires.

ULISBOA Em *Água Mole* e em *Elo* parece haver uma relação estreita entre animais, seres humanos e elementos naturais.

AR Acho que foi nesse aspeto que a minha visão criativa se cruzou com a da Laura, em *Água Mole*. Há coisas que me caracterizam e que procuro nos filmes, como

a ligação com a Natureza e a paisagem. Os filmes dão-me um espaço em que posso abraçar aquilo que não posso experimentar vivendo numa cidade. No *Elo* isso aconteceu de forma mais selvagem.

ULISBOA Como surgiu a ideia das máscaras para a cabeça e para o corpo?

AR A sociedade tem-se tornado mais ditatorial em relação à imagem, do corpo e da cara. No *Dicionário de Lugares Imaginários*, de Alberto Manguel e Gianni Guadalupi, encontrei a descrição de personagens que tinham uma cabeça muito pequena e um corpo muito grande, e usavam máscaras para esconder o tamanho da cabeça. Pertenciam a povos que achavam que ganhavam todas as guerras, mas sem inteligência para perceberem que as perdiam. Queria abordá-las de outra forma e pensei na complementaridade de personagens que querem esconder as suas expressões e emoções. Em *Elo*, a personagem Ele tem ar de brutamontes, mas percebemos, pela delicadeza dos gestos, que é sensível; a personagem Ela é simétrica e, em vez de querer esconder a cara, quer esconder o corpo. Muitas vezes temos necessidade de esconder

características nossas por razões estéticas e funcionais. Foram estes desafios e contradições que me fizeram querer fazer o filme.

ULISBOA *Elo* tem coprodução francesa. É difícil fazer um filme apenas com financiamento português?

AR Não. Mas, se quisermos ser mais ambiciosos – na qualidade da animação, no que podemos experimentar graficamente ou pedir aos músicos –, um caminho possível é juntarmo-nos a outros países que também queiram investir no filme. É importante que as pessoas recebam de forma adequada à função que têm.

ULISBOA Pode explicar alguns dos termos técnicos do cinema de animação?

AR Temos uma ideia para uma história e escrevemos o filme, e depois podemos usar o *animatic* e o *storyboard*. No *storyboard* começamos a desenhar a história, pondo a ação por imagens e definindo os enquadramentos; percebemos que, em dado momento, se vai usar um plano geral ou um plano aproximado, e fazemos essa descrição através do desenho. No *animatic* podemos usar os mesmos desenhos do

storyboard, importamo-los para um programa de edição de vídeo, como o Premiere, e atribuímos tempo a cada imagem. Com o *storyboard* definido, fazemos o *layout* e um esboço de cenário, em que estabelecemos em que plano uma personagem entra e que proporções tem em cada momento. O animador parte dessa indicação de *layout* e faz as imagens-chave, que definem o movimento. Depois, o intervalador faz um desenho entre cada uma delas para que tudo fique mais fluido. Quando todos os desenhos que definem o movimento estão feitos, o pintor, por cima de cada um, desenha o que vai aparecer realmente em ecrã grande. Somos muitos, é um tipo de animação trabalhoso. Talvez um filme deste género esteja mais ligado à pintura.

ULISBOA *Elo* tem argumento seu e da escritora Regina Guimarães. Como é feito o argumento de um filme sem palavras?

AR Quando tive a ideia para o filme, pensei numa história, em ações, e depois fiz desenhos que as ligassem. A espinha dorsal do argumento já lá estava, mas sentia que havia espaço para a palavra. Mostrei à Regina os desenhos e um esboço de texto e ela atribuiu-lhes uma camada adicional. Por exemplo, eu descrevia a morte do cão, «o cão morre e temos um *travelling* da cauda até à cabeça, e o vento na ossada faz música», e ela escrevia «e o vento desenha uma frase eólica protomusical». Houve desenhos que me surgiram depois de ela começar a escrever. Também me ia enviando imagens, desde brinquedos óticos até pinturas. Isso ajudou-me a saber o que era o filme.

ULISBOA Tirou o curso de pintura na Faculdade de Belas-Artes. Como se deu a transição para o cinema de animação?

AR Fui para pintura porque não havia o curso de desenho. Na verdade, pintei muito pouco. Cansava-me o lado de estética e filosofia, mas ajudou-me a pensar no ato de criação. Não sabia o que queria exatamente fazer, mas sabia que queria mesmo desenhar. Tentei experimentar tudo o que

podia. Ainda durante o curso, comecei a trabalhar numa produtora de animação, a Sardinha em Lata. Percebi que tenho mais referências de pintura do que de cinema, e que o cinema de animação, quando é bom, é quase como uma pintura, em que podemos brincar com o tempo e a narrativa. Na pintura, não há a ideia de tempo, tão importante em cinema. Pode ser libertador, não podemos definir se o espectador vai ficar a olhar cinco ou sessenta minutos para uma pintura. Gosto de ver o cinema de animação como pintura, em que tenho as cores, a mancha, o traço, a vibração e o brilho, mas com mais duas ferramentas, o tempo e a narrativa.

ULISBOA Por que razão escolheu a Universidade de Rio Grande do Sul, no Brasil, para fazer o último semestre da licenciatura?

AR Foi lá que comecei a fazer gravura, o que marcou o meu percurso. O *Água Mole* tem partes em gravura, e o *Elo* assenta na lógica de algumas das suas técnicas, como desenhar a luz em vez de desenhar a sombra. Lá, também fiz animação, em contexto académico, e cheguei a trabalhar num estúdio de animação. Houve coisas para as quais tive mais espaço no Brasil, e outras, em Portugal.

ULISBOA Mais tarde, mudou-se de Lisboa para o Porto.

AR O primeiro filme em que trabalhei profissionalmente – em que me pagaram para fazer desenhos! [*Risos*] – foi na Sardinha em Lata, no que foi também o primeiro filme de dois realizadores, que trabalham em dupla, o David Doutel e o Vasco Sá.



Acho bonito o facto de até hoje trabalhar com eles, e com a Laura Gonçalves. Eles ganharam financiamento para mais um filme e convidaram-nos para trabalharmos com eles de novo. Só que isso implicava virmos para o Porto. Viemos para trabalhar num filme que demoraria um ano, mas fomos incentivadas a fazer os nossos projetos. Estamos cá há oito anos. A BAP Animation Studio é uma cooperativa. Foi o modo de garantirmos alguma estabilidade financeira. Não é um trabalho solitário, somos um grupo de pessoas que colaboram umas com as outras.

ULISBOA Imagina-se a fazer um livro sem palavras, só com história e ilustração suas?

AR Vou aqui fazer uma revelação! [*Risos*] Os coprodutores do *Elo* disponibilizam financiamento para um livro do filme. No filme vêem-se os desenhos a grafite invertidos, só que, na prática, fiz muitos desenhos em tinta da China. De alguns deles, nem a composição ficou no filme. Vou fazer um livro disso, com os textos que a Regina escreveu. Já me ocorreu fazer um livro sem palavras, não tenho é tempo. Se tivesse, gostava de fazer tudo: cerâmica, gravura, ilustração! Quanto mais maneiras de me expressar houver, melhor.

ULISBOA E vê-se a fazer criações mais comerciais?

AR Se tiver uma ideia de que goste e ela for comercial, vendável, por que não? Pode ser comercial, desde que não transmita uma mensagem em que não acredito. Há duas maneiras de isso acontecer: o tema ou a qualidade da animação. Só quero sentir que é algo digno e bem feito. •

Fotograma de *Elo*. Este filme venceu o **Hugo de Ouro** no 56.º Festival Internacional de Cinema de Chicago, o **Grande Prémio Animato** no Festival Internacional de Filmes de Animação de Genebra, o **Prémio de Melhor Animação** no Festival Curtas de Vila do Conde, e o **Prémio Nacional da Animação 2020** na categoria de filmes profissionais. Integra a **lista de candidatos aos Óscares** de 2021 na categoria de Melhor Curta-Metragem de Animação.



CATARINA BELO

Professora de filosofia na Universidade Americana do Cairo e antiga aluna da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa. Aproveitámos uma das suas vindas a Portugal, entre semestres, para uma conversa sobre «questões perenes» e alguns dos autores fundamentais da filosofia islâmica medieval.

ULISBOA Os seus pais conheceram-se na Faculdade de Letras. Era uma inevitabilidade acabar por lá estudar?

CATARINA BELO Talvez. Sempre gostei muito de viajar e de andar pelo estrangeiro, e tinha pensado estudar na Alemanha, porque já nessa altura estava interessada no idealismo alemão. Estive em Darmstadt, de agosto a dezembro de 1992, e era para ir para Frankfurt, mas as saudades foram muitas. Acho que ainda não estava pronta para sair. Em 1993 ingressei na Faculdade de Letras, onde a minha mãe já me tinha inscrito antes ainda de eu ter ido para a Alemanha. Recebi aqui uma formação muito sólida.

ULISBOA Há algum professor ou disciplina que recorde especialmente?

CB As aulas de Ética de Cristina Beckert, a Filosofia em Portugal com Pedro Calafate. Ainda estou em contacto com alguns professores: Maria Leonor Xavier, de Filosofia Medieval, muito jovem na altura; José Gabriel Trindade Santos, de Filosofia Antiga; Maria José Figueiredo, que dava Aristóteles. A Faculdade de Letras é um mundo, e eu aproveitei para fazer os três anos (na altura eram anos, e não semestres) de Clássicas. Tive grego com Frederico Lourenço, latim com Arnaldo Espírito Santo, e fiz um ano de árabe, com António Dias Farinha. Cheguei um bocadinho atrasada a Letras, e saí de lá

um bocadinho antes do tempo, porque no último ano fui para Londres fazer Erasmus.

ULISBOA Quando decidiu enveredar pela filosofia islâmica medieval?

CB O sistema português do ensino secundário é generoso em relação à filosofia. Tive os três anos no secundário, e já tinha lido filosofia antes, quando os meus irmãos mais velhos a estudavam. Mas a descoberta da filosofia medieval foi na Faculdade de Letras, com as professoras Leonor Xavier e Paula Oliveira e Silva. Achei que era mais difícil do que os outros períodos da história da filosofia, e isso intrigou-me. Também estava interessada no mundo árabe, e as duas coisas juntaram-se.

ULISBOA O que deve a filosofia islâmica à filosofia grega e helenística?

CB Deve muito, mas acrescenta também. Houve um movimento de tradução importantíssimo em finais do século VIII, princípios do século IX, em Bagdade, no Califado Abássida, em que se traduziram praticamente todas as obras de Aristóteles e de outros cientistas e filósofos. Com essa tradução, passa tudo a estar acessível em árabe, o que é fundamental. A base dos sistemas medievais dos filósofos árabes, ou que escreviam em árabe, é o neoplatonismo, por um lado, e Aristóteles, por outro.

ULISBOA Depois da licenciatura, foi para Inglaterra.

CB Fiz uma segunda licenciatura em estudos árabes e islâmicos, na Universidade de Londres. Entrei logo para o segundo ano porque já tinha feito árabe, completei-a em três anos, de 1997 a 2000. Aí, não aprofundei tanto a filosofia quanto a língua e a literatura árabes, a história do mundo islâmico, e os estudos sobre o Alcorão. No doutoramento, em Oxford, juntei a filosofia.

ULISBOA Na sua tese de doutoramento, estudou o acaso e o determinismo em Avicena e Averróis. Porquê esse tema e esses autores?

CB O tema foi proposto pelo orientador, que disse que não tinha sido trabalhado. Eu gostei, porque eram temas de metafísica. Considera-se que os filósofos mais importantes da filosofia clássica ou medieval islâmica são Alfarabi, Avicena e Averróis. Agora há estudos não só sobre os três, mas também sobre figuras menos conhecidas. Dizia-se que a filosofia islâmica terminara com Averróis, no século XII, mas agora vê-se que não. O mundo islâmico é muito vasto.

ULISBOA Acha que tudo tem uma causa?

CB Eu diria que sim. Foi o que concluí em relação a Avicena e a Averróis, que estão mais do lado do determinismo. Mas tem de haver espaço para a liberdade. Do ponto de vista da ciência é preciso que as coisas sejam determinadas – mas acho que essa

questão ainda está em aberto, como, por exemplo, na física quântica. Em Aristóteles as coisas devem estar determinadas, porque uma causa é também uma explicação, e se não há causa, não há explicação e não há ciência. Mas, do ponto de vista da ética, é preciso os seres humanos terem alguma autonomia e não serem determinados por causas exteriores. Se houver determinismo, não há escolha. É uma das questões perenes da filosofia, que não se resolvem. Há quem pretenda que a melhor posição talvez seja o compatibilismo.

ULISBOA Traduziu Averróis e Alfarabi, e recebeu em 2019, na categoria de «Achievement», o conceituado Sheikh Hamad Translation Award. Considera a tradução uma parte complementar da investigação?

CB Creio que se complementam, sim. Faço sempre um estudo antes, muitas vezes também um sumário dos temas principais, e um glossário. Quis traduzir *A cidade virtuosa* de Alfarabi porque é uma obra muito importante dentro da filosofia islâmica medieval, e depois disso comecei a fazer investigação sobre este autor, que antes não tinha trabalhado.

ULISBOA Do ponto de vista da filosofia e da religião, que relações encontra entre Averróis e Hegel?

CB Li um artigo de um autor espanhol que fazia essa ligação, e achei que dava pano para mangas. Decidi fazer esse paralelismo entre os dois. Por exemplo, a separação entre a razão e a imaginação, a questão de a imaginação estar mais ligada à religião e a razão mais ligada à filosofia. A filosofia e a religião dizem a mesma coisa, mas de maneiras diferentes – e tanto Hegel como Averróis o afirmam. É um tema que já vem da filosofia medieval e que se prolonga: aparece explicitamente em Alfarabi. Depois, Averróis lê Alfarabi; Maimónides, filósofo judeu, lê Alfarabi; Espinosa lê Maimónides; e Hegel lê Espinosa.

ULISBOA De que modo pode um cientista abordar a religião? Pela filosofia?

CB A filosofia pode fazer a ligação, sim. É difícil, não tenho uma solução para esse problema. Há maneiras diferentes de se falar da mesma coisa; não se pode, por exemplo, pensar que vai haver uma teoria de tudo na física e que as outras disciplinas desaparecem. É preciso haver disciplinas diferentes que falam da mesma coisa de maneira diferente. E há domínios. A física trata do que é físico e material, não pode substituir a religião – não pode, porque não é do domínio da física tratar dessas coisas. O mesmo se passa com a morte. A física não resolve, a medicina não resolve, a biologia não resolve; mas a religião resolve.

ULISBOA Enquanto mulher católica, como é ser professora na Universidade Americana do Cairo?

CB A Universidade Americana no Cairo tem muitas particularidades, não tem fins lucrativos e é completamente independente – até existe uma em Washington. O que a torna americana? O currículo, porque segue o modelo das Artes Liberais, um pouco semelhante ao curso de Estudos Gerais da U Lisboia; o facto de existir uma quota para professores americanos; e a própria missão da Universidade, que consiste em facilitar o encontro das duas culturas, a ocidental e a islâmica, o Egipto e os Estados Unidos da América. 10 % da população do Egipto é cristã, não sei se é um número oficial, mas anda perto disso. E, por esse motivo, a Universidade acaba sempre por ser um ponto de encontro entre culturas e religiões diferentes.

ULISBOA Não existe tensão nesses encontros?

CB Dentro da Universidade, não. Mas fora, sim, às vezes há problemas.

ULISBOA Como é viver no Cairo?

CB Fui para o Cairo em janeiro de 2006 e fiquei a morar no centro, era lá que estava a Universidade. Esse polo ainda existe, um antigo palácio que dá para a Praça Tahrir. Lá de táxi ou a pé. Em fevereiro de 2014 mudei para o Novo Cairo, onde está o novo *campus*. Vivo numa residência universitária e

«Quando estamos do outro lado, a viver num país estrangeiro, e pensando também no colonialismo, podemos ter uma perspetiva diferente.»

vou a pé para o *campus*. É uma vida muito simples: casa-universidade. Às vezes ainda vou ao centro, mas agora, por causa da pandemia, não tenho ido muitas vezes.

ULISBOA Como vê a desigualdade entre homens e mulheres no mundo islâmico?

CB A constituição egípcia diz que há igualdade entre homens e mulheres. As mulheres podem trabalhar como os homens, há mulheres ministras, algumas formadas pela Universidade Americana, e as questões sociais variam de acordo com a religião. Há uma parte do direito que diz respeito a todos, mas no que diz respeito ao direito de família há diferenças. Um muçulmano pode casar com quatro mulheres, mas um cristão não pode. E uma mulher muçulmana pode divorciar-se, mas uma cristã não.

ULISBOA Há movimentos feministas?

CB Sim. Há feministas egípcias famosas. Nawal El Saadawi ainda hoje combate a mutilação genital feminina. Huda Shaarawi, em 1923, quando desembarcava na estação do Cairo, retirou o véu em frente à multidão. Nos últimos anos, no entanto, houve algumas mudanças. Nos anos 70, muitas mulheres já não usavam véu e agora o véu voltou, embora também conheça mulheres egípcias que decidiram tirar o véu depois da Primavera Árabe. Esta situação está também relacionada com questões políticas e com a história específica do Egito, com a vinda de Napoleão no final do século XVIII, com o colonialismo e com as mais recentes influências europeias.

ULISBOA Observou de perto o movimento político da Primavera Árabe?

CB Sim, nessa altura ainda morava no centro. Havia muitas questões envolvidas, económicas, sociais, políticas, e ainda os líderes que estavam no poder há muito tempo, entre eles o presidente egípcio Mubarak. Houve uma mudança política, após as ma-

nifestações, mas depois dois anos de muita instabilidade. Tínhamos o coração nas mãos.

ULISBOA Teve medo?

CB Sim. Foi tudo muito rápido. Houve a grande manifestação de 25 de janeiro, mas o pior dia foi o 28 de janeiro. Do sítio onde estava, a quilómetros do centro, ouvia muitos disparos, parecia uma zona de guerra. Foi uma altura difícil. Alguns colegas meus de Teoria Política ainda me desafiaram a ir para a Praça Tahrir, mas eu disse-lhes que nem pensar. Achei que um estrangeiro na Praça não ia ajudar. Achei também que não tinha de ter uma posição política, até porque pode ser considerada uma interferência. Alguns colegas americanos foram, mas eu não. Quando tudo estava mais calmo, a Alexandra Lucas Coelho, que estava lá a fazer a cobertura, disse-me para ir com ela ver a Praça porque tudo ia ser desmontado. Aí fui, mas já depois da demissão de Mubarak.

ULISBOA Vive no Egito há muitos anos e já estudou noutros países. Concorde com a ideia do seu pai, Ruy Belo, de que Portugal é apenas país, mas não pátria? E de que ser português é uma circunstância de nascimento?

CB Como o meu pai tinha uma grande influência de Fernando Pessoa, talvez a pátria dele também fosse a língua portuguesa. Enquanto portugueses e europeus, pensamos que a história de Portugal é muito importante, incluindo os descobrimentos, mas quando estamos do outro lado, a viver num país estrangeiro, e pensando também no colonialismo, podemos ter uma perspetiva diferente. Talvez não tenha uma visão tradicional de patriotismo. Mas gosto muito de voltar a Portugal e considero-me completamente portuguesa. Não tenho dúvidas nenhuma sobre a minha identidade.

ULISBOA É uma cidadã portuguesa e uma cidadã do mundo.

CB Sim, mas mais portuguesa. Apesar disso, por estar fora há muitos anos, consigo pensar Portugal de outra maneira. Estar no Egito é interessante, justamente por ser uma cultura diferente. O contraste entre culturas faz-me aprender coisas novas.

ULISBOA Qual a sua relação com a língua portuguesa? Tirando as traduções da língua árabe, também escreve em português?

CB Às vezes, mas mais estudos académicos. Gosto da língua portuguesa, embora no Egito não tenha muitas oportunidades para falar português. E tento ler, levo sempre livros para manter a ligação com a nossa língua. Agora estou a ler *O Cànone* e Machado de Assis. E gosto sempre de voltar a Eça de Queirós.

ULISBOA E fala quantas línguas?

CB Talvez umas sete. Agora as aulas são todas por videochamada, o que me dá mais tempo livre, e então comecei a ter aulas de hieróglifos, o mais difícil que estudei até agora. Gosto muito de estudar línguas, são um acesso importante a diversos mundos e culturas.

ULISBOA Também está a colaborar na organização da biblioteca pessoal do seu pai para a Residência Literária Ruy Belo, em Óbidos.

CB À partida estará pronta no verão. A ideia foi da minha mãe e da Câmara Municipal de Óbidos. Ela começou a tratar de tudo e depois eu e o meu irmão Duarte ajudámos. Fiz a escolha de cerca de 2000 volumes e um inventário. Foi muito interessante, fez-me voltar aos anos 60, deu para pensar sobre tudo o que o meu pai lia, e quais eram os temas por que se interessava.

ULISBOA Tem memórias dele?

CB Tinha quatro anos quando ele faleceu, mas lembro-me de ele me trazer brinquedos de Madrid e de brincar com ele. •



Ulissee

UNIVERSITY OF LISBON
INTERDISCIPLINARY STUDIES
ON SUSTAINABLE ENVIRONMENT AND SEAS

A ULisboa organiza a primeira edição do projeto ULISSES.

Esta iniciativa visa promover a interdisciplinaridade e o trabalho em equipa através do desenvolvimento de um projeto de pesquisa relacionado com a resolução de um problema real.

Estudantes oriundos de vários países, e com formação de base diversa, integrarão equipas de trabalho multidisciplinares e serão desafiados a conceber e apresentar soluções para uma questão atual relacionada com a sustentabilidade dos Oceanos.

ulisses.ulisboa.pt



